

**FACULDADES INTEGRADAS DE TAQUARA
CURSO DE HISTÓRIA**

**SOLEDADE 1935-1938
REVISITANDO OS MONGES BARBUDOS**

RÓBSON FIUZA DOS SANTOS

Taquara

2016

RÓBSON FIUZA DOS SANTOS

**SOLEDADE 1935-1938
REVISITANDO OS MONGES BARBUDOS**

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de História das Faculdades Integradas de Taquara, como requisito parcial para obtenção do grau de Conclusão de Curso em História, sob orientação do Professor Doutor Daniel Luciano Gevehr

Taquara

2016

*Dedico este trabalho a toda minha família,
na qual busco razão, motivos
e significados para esta realização.*

Agradecimentos

Gostaria de agradecer, primeiramente, de forma carinhosa, toda a minha família, a qual sempre esteve ao meu lado e nos momentos de incertezas me deram forças e motivações para seguir em frente nessa caminhada. Gostaria também de agradecer a paciência que tiveram, visto que na construção de trabalhos de conclusão, muitas vezes nos encontramos sem tempo e sem paciência para assuntos do dia a dia.

Dando continuidade aos agradecimentos à minha família, gostaria de deixar um agradecimento muito especial para minha avó Augusta Matias dos Santos, minha mãe Adriane Fiuza dos Santos e meu padrasto Luís Eduardo Marquês, sem os quais eu não teria a possibilidade e condições de frequentar um curso superior de qualidade como o oferecido pelas Faculdades Integradas de Taquara.

Aos meus amigos de longa data, deixo um grande agradecimento, visto que, de forma geral, sempre me apoiaram e deram força para essa minha jornada. Não citarei nomes para não cometer o erro de esquecer alguém, mas todos que fizeram parte disso sabem que a eles me refiro.

Agradeço, também de forma especial, todos os alunos que tive o prazer de ensinar e aprender durante a minha formação, pois eles, de forma muito positiva, confirmaram minha certeza de seguir esse caminho.

Nessa lista, não posso deixar de agradecer também aos meus colegas de curso, esses que, por muitas vezes, foram como “irmãos” nas dificuldades encontradas no decorrer da graduação e, claro, agradecer por todos os bons momentos que passamos juntos, momentos que faziam valer a pena se deslocar para a aula após um dia cansativo e exaustivo de trabalho.

Com toda certeza, não poderia deixar de agradecer de forma muito especial aos professores que me acompanharam durante toda essa jornada e sem os quais não estaria qualificado para produzir essa monografia.

Ao professor Daniel Luciano Gevehr, agradeço primeiramente por ter aceitado me orientar nesse trabalho, também, por todos os anos de aprendizado que me proporcionou, todos os ensinamentos de como ser professor, de como transmitir conhecimento de forma humana sem passar por cima de nenhum aluno e, claro, o aprendizado de sempre analisar os fatos de forma crítica, mas ao mesmo tempo respeitosa. Admiro muito a forma que você transmite conhecimento aos seus alunos.

À professora Dóris Fernandes Magalhães, que foi uma das minhas primeiras professoras no meio acadêmico, a qual digo, com certeza, que foi a que mais me acompanhou nessa minha caminhada (e a que mais me roubou sono de tantas leituras, relatórios, monografias e fichamentos – risos –, mas valeu e muito). Agradeço por todo o conhecimento que me transmitiu, agradeço aos grandes incentivos quando as coisas pareciam sem solução, e também, todo o acompanhamento perante todas minhas dificuldades e meus progressos desde que coloquei meus pés dentro da universidade. Sou muito grato.

Agradeço à Professora Andrea Helena Petry Rahmeier, por suas aulas fantásticas, suas críticas e ponderações sobre variados assuntos, sua visão de como se deve tratar os alunos, sua capacidade de transmitir conhecimento de forma humana e consistente, seu conhecimento sem fim e, claro, todo o apoio que vem me dando durante a minha formação, em especial, nessa minha etapa de conclusão. Um muito obrigado.

Ao professor Jefferson Dias, que ao longo do curso tornou-se um amigo e me proporcionou muitos aprendizados, esses de variadas raízes e vertentes, percorrendo desde a Pré-História até os dias atuais.

De forma especial, também quero agradecer à professora Dalva Reinheimer, pelas vezes em que fui atendido na coordenação, e à professora Elaine Smaniotto, que apesar da nossa pouca convivência em sala de aula mostrou-se uma professora muito comprometida com o aprendizado dos seus alunos.

Para finalizar, deixo um agradecimento não menos especial a todos que de certa forma fizeram parte de minha caminhada, pois todos que passaram pela minha vida deixaram um pouco de si e agregaram significativamente para a pessoa que sou hoje.

“A função do historiador é lembrar a sociedade daquilo que ela quer esquecer”.

Peter Burke

RESUMO

No século XX, o Rio Grande do Sul foi palco de um movimento Messiânico conhecido como “Os Monges Barbudos”. Esse episódio ocorreu no noroeste do Rio Grande do Sul, região de Soledade, na Comunidade de Bela Vista, entre os anos de 1935-1938, e nos mostrou a perseguição a um grupo que, por não se enquadrar no contexto do período da Era Vargas, acabou por ser perseguido e violentamente reprimido. Movimentos messiânicos estão presentes na história do Brasil, bem como influenciam, mesmo que de forma indireta, região de eclosão. Analisando três específicos movimentos de mesmo cunho, sendo eles, Mucker, Canudos e Contestado, percebemos características e proximidades para a eclosão dos mesmos, entre eles podemos citar a incompreensão da forma de vida desses grupos por parte da sociedade e dos governos vigentes, acusações, perseguição e repressão. Perante esses fatos, sentimos a necessidade de analisar esses movimentos não apenas pelo viés religioso, mas sim político e social, a fim de percebermos que tais grupos foram perseguidos não apenas por questões religiosas, mas também por representarem uma ameaça tanto social quanto política.

Palavras-chave: Era Vargas. Estado Novo. Movimentos Messiânicos.

ABSTRACT

In the 20th century, Rio Grande do Sul was the scene of a Messianic movement known as "The Bearded Monks". This episode occurred in the northwest of Rio Grande do Sul, Soledade region, in the community of Bela Vista, between the years of 1935-1938. This episode showed us the persecution of a group that did not fit in the context of the Vargas Era period, ended up being persecuted and violently repressed. Messianic movements are present in the history of Brazil as well, these movements influence, even if indirectly, hatching region. Analyzing 3 specific movements of the same stamps, such as Mucker, Canudos and Contestado, we perceive characteristics and proximity to their emergence, among them we can mention the incomprehension of the way of life of these groups by the society and the governments in force, accusations, Persecution and repression. Faced with these facts, we felt the need to analyze these movements not only for religious but also for political and social bias, in order to realize that such groups were persecuted not only for religious reasons but also because they represent a social and political threat.

Keywords: And the governments in charge. Such as accusations, persecution, and repression.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa atual mostrando onde ocorreu o movimento Mucker	33
Figura 2 – Mapa com a localização do conflito de Canudos	41
Figura 3 – Mapa com a localização da área contestada e região da guerra	45
Figura 4 – Mapa com a localização da região onde ocorreu o movimento Monges Barbudos	52
Figura 5 – João Maria, profeta do episódio “Os Monges dos Pinheirinhos, 1902”	58
Figura 6 – Monge João Maria, o iniciante do movimento dos Monges Barbudos em 1935	59
Figura 7 – Tácio Fiuza, aos 25 anos, antes de seguir o movimento	62
Figura 8 – Andreza Gonçalves, a “Santa Catarina” 42 anos depois	64
Figura 9 – Idarsina da Costa, a que foi chamada Santa Terezinha	65
Figura 10 – Monges presos ao lado da Brigada Militar	69
Figura 11 – O túmulo de André Ferreira França, o Deca, com a inscrição: “Aqui jaz André F”	70

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 ASPECTOS GERAIS DO BRASIL	15
2.1 A República Velha e a Era Vargas: uma revisão contextual	16
2.2 Vargas e o Estado Novo no Brasil	19
2.3 O Rio Grande do Sul e o Movimento dos Monges Barbudos	23
3 O BRASIL E OS MOVIMENTOS MESSIÂNICOS	30
3.1 O Movimento Mucker	33
3.2 O Movimento de Canudos	41
3.3 O Movimento do Contestado	45
4 O MOVIMENTO MESSIÂNICO DOS MONGES BARBUDOS NO RIO GRANDE DO SUL: UMA REVISÃO DA LITERATURA	50
4.1 Soledade: região do ocorrido	52
4.2 Os Monges Barbudos: sua origem	54
4.3 Uma Revisão sobre os Monges Barbudos	55
4.4 O Personagem João Maria	57
4.5 André Ferreira França, o Mensageiro do Monge João Maria	59
4.6 Anastácio Desidério Fiuza, o Tácio	61
4.7 As duas santas: Santa Catarina e Santa Terezinha	62
4.7.1 Andreza Gonçalves, a Santa Catarina	62
4.7.2 Idarsina da Costa, a Santa Terezinha	64
4.8 Alguns Apontamentos sobre o Conflito: o início do fim	65
CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
REFERÊNCIAS	74

1 INTRODUÇÃO

Sabendo que a História não é feita de uma verdade absoluta, e sim de diversas versões, leituras e olhares que se constroem e se desfazem em função da própria pesquisa e dos escritos ao longo do tempo, buscaremos de forma ampla dar uma atenção detalhada para um movimento Messiânico ocorrido no sul do Brasil, O Movimento dos monges Barbudos.

Partindo desse pressuposto, a presente monografia tem como foco e principais motivos fazer uma revisão bibliográfica acerca de obras já produzidas sobre o Movimento Messiânico em questão.

Sobre movimentos messiânicos¹, Maria Isaura Pereira de Queiroz (1965) nos diz que o termo “messianismo” teria origem no termo “messias”. Esses pertencentes à linguagem corrente que os definiu de acordo com os relatos bíblicos, e diz que uma das características fundamentais das promessas messiânicas é que não destinam salvação e paraíso a pessoas isoladas, e sim a coletividades. Dessa forma, podemos relacionar o termo messias apenas a situações em que determinado líder é reconhecido perante uma coletividade. Essa coletividade é característica fundamental para grupos de tal cunho. Partindo desse pressuposto, percebemos, então, que o termo Messianismo nos remete a crenças em um salvador e os Movimentos Messiânicos, por sua vez, seria a atuação coletiva em torno desse personagem, ação que busca concretização para que essa crença e sua ordem possam ser alcançadas.

Em sua totalidade, movimentos de cunho messiânico no Brasil ocorreram sempre em torno desse líder, que, ao ser reconhecido como tal, passa a influenciar mesmo que indiretamente esse grupo. Percebemos isso nos movimentos que abordaremos na monografia em questão, inclusive, no Movimento dos Monges Barbudos.

O Movimento dos Monges Barbudos, foco do trabalho, se desencadeou no noroeste do Rio Grande do Sul, região de Soledade, na Comunidade de Bela Vista, entre os anos de 1935-1938. O mesmo iniciou sob a figura de um Monge, esse conhecido como João Maria. João Maria, ao repassar seus ensinamentos a André

¹ **Movimento Messiânico:** Ação de um grupo em torno de um “messias”, esse encarregado de trazer a salvação a determinado grupo. QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. **O messianismo no Brasil e no mundo.** São Paulo: EUSP, 1965.

Ferreira França, conhecido como Deca França, teria também lhe incumbido de levar esses ensinamentos ao resto dos populares. Deca, então, passou a agir de acordo com os ensinamentos e práticas ensinadas pelo monge, fato que fez Deca França adquirir muitos seguidores, que passaram a ser reconhecidos pelo uso da barba comprida, fato que deu origem à denominação Monges Barbudos. Com o passar do tempo, o número de adeptos aumentou e os eles começaram a sofrer diversas acusações, de diferentes raízes. Além das acusações, o grupo também passou a sofrer perseguições, que tinham como base a incompreensão a seus modos diferenciados de vida e de crenças, entre as crenças a adoração a duas Santas que estariam vivas em meio ao grupo, sendo Santa Catarina e Santa Terezinha. Os Monges sofreram vários ataques, prisões, torturas e humilhações, sendo o grupo totalmente desfeito em 1938, após várias prisões e a morte de vários monges, entre eles o líder do grupo, Deca França.

Diante de todo esse ocorrido, um fator que nos salta aos olhos é a relativa falta de trabalhos a respeito do movimento, sendo a maior parte encontrada em anais de congressos, revistas, livros literários ou livros escritos por religiosos da época. Portanto, mostrou-se imperativa a busca a fim de reunir o maior número possível de dados e informações sobre o assunto, com o propósito de apresentar o movimento, bem como buscar uma revisão dos materiais já escritos sobre o mesmo.

Dessa forma, temos por objetivo fazer uma revisão bibliográfica de obras acerca do movimento messiânico dos Monges Barbudos, esse ocorrido entre os anos de 1935-1938 no interior de Soledade, cidade pertencente ao Rio Grande do Sul.

Buscaremos, a partir de nossa revisão bibliográfica, contextualizar a região do ocorrido, identificar o contexto para o início do movimento, criando, dessa forma, um parâmetro para identificar as motivações para a eclosão do episódio, os principais acontecimentos e personagens, bem como perceber como se deu a perseguição e qual o desfecho final do conflito.

Além das motivações devido à falta relativa de trabalhos sobre o assunto, a escolha do tema se deu também e, principalmente, devido ao fato de o movimento englobar membros de minha família. No decorrer do trabalho, conheceremos alguns personagens, entre eles Idarcina da Costa, vista pelo grupo como a representação de Santa Terezinha, e Tácio Desidério Fiuza, popularmente conhecido como Tácio Fiuza, esse sendo um dos líderes do movimento. No que diz respeito ao grau de

parentesco, Idarcina da Costa, a Santa Terezinha, é sogra de minha tia paterna, a qual ainda reside em Soledade (local do ocorrido), e Tácio Fiuza foi sobrinho/neto do meu bisavô materno Clementino Fiuza.

Sendo assim, sentimos a necessidade de nos apropriar das obras já produzidas a fim de conhecermos um pouco mais sobre o movimento e contemplar um pouco de nossa própria história.

Como metodologia para alcançar os objetivos propostos, recorreremos a uma revisão bibliográfica acerca de alguns dos materiais já produzidos sobre o movimento. Essa revisão busca conhecer um pouco mais sobre o ocorrido bem como as características que permearam esse movimento. Presente também no trabalho em questão, está uma pequena contextualização do Brasil, do Rio Grande do Sul, bem como uma rápida apresentação de outros movimentos de cunhos messiânicos ocorridos no país, tais como Mucker, Canudos e Contestado, visto que nos tornou imperativo conhecermos tais grupos a fim de entendermos e criarmos relações de contextos entre esses movimentos.

Para percorrermos esses caminhos nos valemos de alguns autores, entre eles Bóris Fausto², que nos dá uma visão geral sobre o Brasil, Sandra Pesavento³, que nos contextualiza o Rio Grande do Sul, bem como Luciano Aronne Abreu⁴ e René Gertz⁵, que nos dão uma visão regional sobre o Estado Novo, lembrando que o ocorrido aconteceu em meio a Era Vargas (1930-1945), pegando um breve pedaço do Estado Novo (1937-1945). Nesse foco, também, recorreremos a Maria Helena Capelato⁶, abordando o Estado Novo, só que por sua vez nos apresentando uma visão a nível nacional do regime, e Andrea Helena Petry Rahmeier⁷, que nos contempla com um olhar sobre a educação do período.

² **História do Brasil**. São Paulo: Edusp, 1999; **História concisa do Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

³ **A Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul**: a trajetória do parlamento gaúcho. Porto Alegre: Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, 1992.

⁴ **Um olhar regional sobre o estado Novo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

⁵ **O Estado novo no Rio Grande do Sul**. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2005; **O Rio Grande do Sul de 1937 a 1964**: historiografia. In: Grijó, Luiz Alberto et al. (Ogs). Capítulos de história do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 2004, p.359.

⁶ O Estado Novo: O que trouxe de novo? In: **O tempo do nacional estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

⁷ **“É o Brasil gigante, liberto do estrangeiro, uno coeso e forte, o Brasil do brasileiro!...”**: campanha de nacionalização efetivada no Estado Novo. 2003. f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2003.

Para um olhar mais aprofundado acerca da religiosidade e mentalidades desses grupos, nos valem de autores tais como Jacqueline Hermann⁸, Mary Del Priore⁹, Ronaldo Vainfas¹⁰, Marc Augé¹¹, entre outros.

Para nos guiar nos movimentos citados acima, tivemos auxílio de autores como Daniel Gevehr¹², Douglas Teixeira Monteiro¹³, Dóris Fernandes Magalhães¹⁴, Paulo Pinheiro Machado¹⁵, Marinês Andrea Kunz e Roswithia Weber¹⁶, Maria Amélia Schmidt Dickie¹⁷, entre outros.

Em se tratando dos autores para a nossa revisão acerca do Movimento dos Monges Barbudos, contemplamos visões de diferentes obras dos autores Fabian Fiatow¹⁸, Henrique Kujawa¹⁹, André pereira²⁰, Maria da Glória Lopes Kopp²¹, Mário Maestri²², Valdemar Motta²³ e Valdemar Cirilo Verdi²⁴. Recorremos, também, aos

⁸ História das religiões e religiosidades. In: CARDOSO, Ciro F.; VAINFAS, Ronaldo (orgs). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

⁹ **Religião e religiosidade no Brasil Colonial**. São Paulo: Ática, 1994,

¹⁰ História das mentalidades e história cultural. In: CARDOSO, Ciro F.; VAINFAS, Ronaldo (orgs). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.p. 127.

¹¹ **A construção do mundo: religião, representações e ideologia**. Lisboa: Edições 70,1974.

¹² Os Lugares de memórias dos Mucker e a construção da imagem de sua líder Jacobina Menta Maurer. In: **III Encontro Nacional de Estudos da imagem- III ENEIMAGEM**, 2011, Londrina. Anais do III Encontro Nacional de Estudos da imagem. Londrina: Universidade Estadual de Londrina,2011. V.3 p. 758-772; Pelos Caminhos de Jacobina: memórias e sentimentos (res) significados. Tese de Doutorado (Doutorado em história). Programa de Pós-graduação em História, Centro de Ciências Humanas, Universidade do Vale do Rio dos Sinos-UNISINOS, São Leopoldo,2007.

¹³ Um confronto entre Juazeiro, Canudos e Contestado. In: **História Geral da Civilização Brasileira**. Rio de Janeiro.

¹⁴ SAPIRANGA, 50 ANOS DE MUNICÍPIO. MAIS DE 200 DE HISTÓRIA. PORTO ALEGRE: ALCANCE, 2005. V. 1000. 224p.

¹⁵ **Lideranças do Contestado: a formação e a atuação das chefias caboclas 9 1912-1916**. Campinas: Unicamp, 2004.

¹⁶ O Movimento Mucker e suas relações com a Igreja Católica e a Protestante. **Revista Brasileira de História e Ciências Sociais**, v.4, p. 136-150, 2012.

¹⁷ **Afetos e circunstâncias**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo:1996.

¹⁸ **Do Sagrado à heresia: O Caso dos monges barbudos (1935-1938)**. 2002. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre,2002; **Religião e política: o caso dos Monges Barbudos (Rio Grande do Sul, 1935-1938)**. Méti: história e cultura, Caxias do Sul, v. 2, n.2, p. 53-74, jul. /dez.2002.

¹⁹ **Cultura e religiosidade cabocla: movimento dos Monges Barbudos no Rio Grande do Sul 1935-1938**. Passo Fundo: UPF; Igreja Católica e o movimento dos Monges Barbudos. Cadernos do CEOM (UNOESC), Chapecó – Santa Catarina, v. 13, p. 79-98,2001.

²⁰ **Monges Barbudos e o massacre do Fundão**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1981.

²¹ **A Chave do céu e a porta do inferno: Os Monges Barbudos de Soledade e Sobradinho**. PUCRS, Porto Alegre, 2014.

²² **Os Monges Barbudos esperam desculpas**. Disponível em: <<http://www.correiocidadania.com.br/antigo/ed207/geral.htm>>

²³ **Vítimas do movimento Monges Barbudos: história de amor, fé, perseguição e morte (Soledade RS, 1938)**. Disponível em: <<http://vmmsm.blogspot.com.br/2016/02/vitimas-do-movimento-monges-barbudos.html>>.

²⁴ **Soledade das Sesmarias, dos Monges Barbudos, das pedras preciosas**. Não-Me-Toque, RS: Gesa,1987.

artigos publicados em anais de congressos e em diferentes publicações acadêmicas divulgadas em diferentes veículos de comunicação.

Para uma melhor assimilação do contexto geral que envolveu esse movimento, a monografia em questão será dividida em três capítulos. No primeiro capítulo, faremos uma abordagem rápida sobre alguns aspectos do Brasil bem como do Rio Grande do Sul, buscando, assim, uma visão geral acerca do período do movimento, o mesmo abrangendo o governo de Getúlio Vargas antes e durante o Estado Novo.

No segundo capítulo, iniciaremos trazendo uma breve apresentação sobre movimentos messiânicos e, em seguida, abordaremos alguns movimentos de mesmo cunho dos Monges Barbudos, tais como os Mucker, Canudos e Contestado. Nesse capítulo, buscaremos apresentar um panorama geral acerca desses movimentos, a fim de perceber as peculiaridades de cada um, observando que esses movimentos, apesar de terem eclodido em diferentes regiões e por diferentes motivos, possuem muitos aspectos em comum no que diz respeito à religiosidade bem como em outros aspectos relevantes para esses grupos.

No terceiro capítulo, iniciaremos com uma pequena apresentação da região onde eclodiu o movimento messiânico dos Monges Barbudos, assim como uma breve apresentação do movimento de forma geral. Em seguida, daremos início à nossa revisão, na qual foram contempladas visões de diferentes autores.

Levando em conta que, na história brasileira, muitos conflitos de mesmo cunho fizeram por moldar o contexto de muitas regiões, é imperativo que façamos esse resgate, privilegiando assim a nossa própria história, bem como dando um novo olhar sobre o ocorrido, pois ao nos depararmos com um movimento tão significativo para a história de uma região, muitos aspectos nos saltam aos olhos e devem ser observados atentamente.

Com esse intuito, procuraremos mostrar a perseguição a um grupo que, ao assumir posturas de cunho político, religioso e social diferentes das impostas na época, tornou-se uma ameaça ao sistema vigente. Em outras palavras, o trabalho se propõe a realizar uma revisão bibliográfica sobre a produção historiográfica, em especial sobre as obras mais recentes, que procuraram trazer novas abordagens sobre o tema, que problematiza um dos movimentos sociais mais importantes e, até então, pouco conhecidos na história do Rio Grande do Sul.

2 ASPECTOS GERAIS DO BRASIL

O presente capítulo busca fazer uma breve contextualização do Brasil e do Rio Grande do Sul, que compreende o período antes da revolução de 1930 bem como aspectos da Era Vargas e do Estado Novo²⁵. Essa iniciativa busca, além de conhecermos alguns aspectos dos períodos citados, uma ideia geral acerca do recorte espacial que engloba o país/estado e região do movimento a ser analisado. O Movimento dos Monges Barbudos.

O período do Brasil em que se desenrolou a história dos Monges Barbudos foi bastante peculiar da história do Brasil. Há pouco havíamos nos transformado em república e, mesmo assim, já tínhamos passado por vários episódios, englobando vários aspectos e várias formas de governo. Nesse contexto, muitas figuras acabaram surgindo, moldando todo um caminho político e influenciando de forma clara todos os segmentos da sociedade. Entre essas figuras, citamos Getúlio Vargas, pois não devemos esquecer que o movimento estudado teve sua eclosão no período conhecido como Era Vargas, pegando um breve período do Estado Novo.

Observando a nossa história como república, podemos perceber uma clara divisão nas questões políticas e das formas de economia que se apresentaram nos anos iniciais, essas com suas próprias características e peculiaridades, fazendo, dessa forma, o Brasil possuir características distintas nos diferentes períodos, conhecidos como República velha e Era Vargas. Sobre essa perspectiva, Abreu diz:

A história republicana brasileira, de um modo geral, é dividida por nossos historiadores em dois grandes momentos: antes e depois da Era Vargas, por sua vez, se constituiria em um período de transição e de construção de um Brasil moderno, urbano e industrial. (ABREU, 2007, p. 21)

Assim nos é apresentada essa transição que o Brasil sofreu em vários sentidos e aspectos de sua sociedade nos períodos apresentados. A República Velha²⁶ foi caracterizada pelo controle político das chamadas Oligarquias,²⁷ trilhando

²⁵ **Era Vargas:** Período em que Getúlio Vargas governou de forma contínua o Brasil entre os anos de 1930 e 1945; **Estado Novo:** Período mais rígido do governo de Getúlio Vargas compreendido entre os anos de 1937 e 1945.

²⁶ **República Velha:** Período do Brasil compreendido entre Proclamação da República em 1889 e a ascensão de Getúlio Vargas ao poder em 1930.

²⁷ **Oligarquias:** Termo grego e significa governo de poucos; SILVA, Kalina Vanderlei, SILVA, Maciel Henrique. Dicionário de Conceitos Históricos. São Paulo: Contexto, 2005, p. 316.

caminhos liberais e federativos, tendo como carro-chefe na economia questões agrárias e na exportação de seus produtos. Já o período que viria a ser conhecido como Era Vargas teve como características a luta contra as oligarquias e a defesa de uma nova política, englobando aspectos mais centralizadores, autoritários e visando a uma urbanização através de indústrias. Sendo assim, observamos que Vargas viria para mudar radicalmente as estruturas antes solidificadas.

[...] A Era Vargas é apresentada como sendo portadora de um projeto definido e homogêneo de Brasil, apoiado por grupos também homogêneos em seus interesses e capazes, portanto, de combater o regionalismo oligárquico e implantar reformas necessárias para a modernização e o desenvolvimento do país. (ABREU, 2007, p. 21).

Partindo da afirmação de Abreu, vemos, então, que assim como no golpe bem como na continuidade de suas políticas, Vargas teve apoio de grupos que também buscavam centralidade no poder, com alguma participação e colocação no novo período que se iniciava. Partindo dessa base inicial, vamos fazer uma rápida retomada na nossa história brasileira, dando enfoque no período que abrange o movimento.

2.1 A República Velha e a Era Vargas: uma revisão contextual

Poucos anos após a Proclamação da República, o Brasil entrou no que ficou conhecida como a República das Oligarquias²⁸. Essa forma de governo se baseava em um governo de poucos, em outras palavras, quem governava eram os grandes proprietários de terras do Brasil filiados ao partido Republicano. Durante esse período, tal modo de governo obteve sucesso nas figuras do paulista Prudente de Moraes e de Campos Sales. Devido à necessidade de arranjos, nesse período também foi criada a chamada política dos governadores²⁹, que nada mais era que a tentativa de evitar choques entre os governos estaduais e garantir a manutenção do poder aos grupos mais fortes. Esse arranjo tinha como base um pacto que se desenrolava da seguinte forma: Os grupos dominantes de cada estado apoiariam o governo central, em troca, esse daria proteção a esses apoiadores. Essa ideia foi

²⁸ **Repúblicas das Oligarquias:** Forma de governo com poder centralizado nas mãos de poucos;

²⁹ **Política dos Governadores:** Sistema político não oficial baseado na troca de favores entre o presidente da República e os governadores dos Estados.

colocada em funcionamento na gestão de Campos Sales. Sobre essa política Fausto nos diz que:

[...] Campos Sales concebeu um arranjo conhecido como política dos governadores. Por meio de uma alteração artificiosa do Regimento Interno da Câmara dos Deputados, assegurou-se que a representação parlamentar de cada estado corresponderia ao grupo regional dominante. Ao mesmo tempo, garantiu-se maior subordinação da Câmara ao Poder executivo [...] (FAUSTO, 2010, p. 147).

Observando a afirmação de Fausto (2010), percebemos então que a política dos governadores foi um sistema político não oficial, que consistia na troca de favores políticos entre o Presidente da República e os governadores dos Estados. A característica dessa política se baseava na seguinte forma, o presidente da República não interferia nas questões estaduais e, em troca, os governadores davam apoio político ao mesmo, tendo como resultados o fortalecimento do poder local dando origem, assim, a outras práticas bem peculiares para o período, tais como o Coronelismo e a política do Café com Leite, lembrando que nesse período, o Brasil foi marcado pelo federalismo.

Segundo Fausto (2010, p.153), a união das oligarquias paulista e mineira foi um elemento fundamental da história política da primeira república e o coronelismo, apesar de sua presença incontestável, não monopolizou a política pública da Primeira República. (FAUSTO, 2010, p. 149).

Fausto nos diz, então, que essa política, de forma clara, foi muito importante para o contexto inicial da República e que essa cunharia raízes na política brasileira, criando um padrão que duraria até a revolução de 1930, quando Getúlio Vargas assumiu o poder e deu fim a esse monopólio de poder pertencente a São Paulo e Minas Gerais. Começava, então, a Era Vargas.

A Era Vargas teve início com a Revolução de 1930. Podemos dizer que esse ocorrido foi um movimento de revolta armada que tirou do poder, através de um golpe de estado, o então presidente Washington Luiz. Com o apoio de chefes militares, principalmente chefes regionais, Getúlio Vargas chegou à Presidência da República, dando fim à República Oligárquica que no momento se via sob certa crise. Sobre essa situação, Mendonça salienta:

O golpe de outubro de 1930 resultou no deslocamento da tradicional oligarquia paulista do epicentro do poder, enquanto que os demais setores

sociais a ele articulados e vitoriosos não tiveram condições, individualmente, nem de legitimar o novo regime, nem tampouco de solucionar a crise econômica. (MENDONÇA, 1990, p. 322).

Segundo as palavras de Mendonça (1990), podemos perceber que profundas mudanças ocorreriam na política brasileira a partir desse ocorrido, interferindo logicamente em todos os aspectos da sociedade.

Durante este período, Vargas se mostrou estrategista, com um governo marcado pelo nacionalismo e pelo populismo³⁰, empreendeu inúmeras reformulações e transformações na sociedade brasileira, principalmente em suas estruturas sociais, econômicas e políticas, formulando a Constituição de 1934, inspirada em uma constituição mais democrática³¹. Como algumas dessas mudanças, podemos citar a criação dos direitos constitucionais trabalhistas, o direito de voto às mulheres e o investimento em áreas de infraestrutura.

Com seu governo populista, Vargas conseguiu chegar junto das massas, lutando contra as oligarquias opositoras e mantendo o povo sob controle, assumindo, dessa forma, uma imagem paternalista. No entanto, enquanto mantinha essa imagem paternalista para os pobres, sustentava também relações firmes com a burguesia, afinal era esta burguesia quem tinha condições de sustentar seu governo, tudo isso ao mesmo tempo em que consolidou uma indústria dentro de um aparato intervencionista.

Podemos afirmar claramente que Getúlio Vargas foi o presidente que mais tempo ficou no poder do Brasil, entre as etapas iniciais de seu governo podemos dividir essa em duas: Governo Provisório e Constitucional.

O governo Provisório teve como objetivo reorganizar a política do país. Nesse período, Vargas centralizou o poder eliminando os órgãos legislativos (Federal, Estadual e Municipal). O governo provisório foi caracterizado pelo nacionalismo e populismo. Essa etapa durou de 1930-1934.

O governo Constitucional criou uma nova constituição que permitiu grandes avanços no Brasil. Getúlio se beneficiou com essa constituição chegando à reeleição na presidência. Essa etapa durou de 1934-1937.

³⁰ **Nacionalismo:** Doutrina que prioriza o Estado como órgão máximo, fundamental e único na gestão política; **Populismo:** Forma de governo em que o governante usa de diversos métodos para obter apoio popular;

³¹ **Democracia:** Forma de governo que tem como característica básica a escolha dos governantes pelo povo; SILVA, Kalina Vanderlei, SILVA, Maciel Henrique. Dicionário de Conceitos Históricos. São Paulo: Contexto, 2005, p. 89.

No ano de 1938, ocorreriam eleições, no entanto, com medo de não conseguir votos suficientes para se eleger, o governo Vargas anuncia um suposto plano comunista de intervenção, utilizando-se deste argumento para dar um novo golpe de estado em 1937, cancelando as eleições de 1938 e dando início ao Estado Novo.

2.2 Vargas e o Estado Novo no Brasil

De forma Geral, as intenções de Vargas ficaram claras desde o início de seu governo e, devido a várias atitudes tomadas pelo mesmo, os partidos começaram a reclamar de sua forma de conduzir o país, isso deixou o clima do Brasil instável.

Em março de 1935, o Partido Comunista, liderado por Luís Carlos Prestes, uniu-se à Aliança Nacional Libertadora a fim de fortalecer a democracia e propor mudanças radicais no Brasil. Nesse clima político, denunciou-se, em setembro de 1937, a existência do Plano Cohen. Esse era um suposto plano comunista que buscava tomar o poder.

A divulgação do Plano Cohen serviu de justificativa para o enrijecimento do regime de Vargas. No dia 10 de novembro de 1937, foi publicada uma nova constituição, que legitimava a permanência de Vargas no poder, suspendia as eleições do próximo ano e colocava na ilegalidade os partidos políticos e associações que iam contra o novo regime.

No mesmo dia da divulgação da nova Constituição, em uma transmissão radiofônica, Vargas anunciou a implantação do Estado Novo, nome que recebeu a ditadura que começava no Brasil.

O Estado Novo vigorou de 1937 a 1945 e ficou marcado no campo político por ser um governo ditatorial³². Entre as medidas tomadas, ocorreu a centralização do poder nas mãos de Vargas, a criação de instrumentos para a intervenção na economia nacional e a adoção de uma política trabalhista corporativista.³³

Com o novo governo de Getúlio Vargas, princípios liberais eram mesclados com princípios autoritários e isso acabou por causar uma espécie de furor por

³² **Ditadura:** Governo autoritário exercido por uma pessoa ou um partido, esses controlando e restringindo direitos individuais; SILVA, Kalina Vanderlei, SILVA, Maciel Henrique. Dicionário de Conceitos Históricos. São Paulo: Contexto, 2005, p. 105.

³³ **Corporativismo:** Sistema político no qual o poder legislativo é atribuído a corporações representativas dos interesses econômicos, industriais ou profissionais;

diversas partes da sociedade. O Estado Novo se consolidou através de uma política de massas adotadas após a Revolução de 30. De forma geral, percebemos essas políticas como resposta aos sistemas liberais, acusados de não serem eficazes ao lidarem com problemas sociais, não esquecendo que as mesmas foram respostas apoiadas principalmente no período entre guerras. Período em que muitos países da Europa, assim como os da América, se viam com grandes crises, essas gerando crises nas demais camadas de suas sociedades. Sobre essas possíveis soluções, Capelato nos diz:

Uma das soluções propostas era a do controle social através da presença de um Estado forte comandado por um líder carismático, capaz de conduzir as massas no caminho da ordem. Essa política foi adotada em alguns países europeus, assumindo características específicas em cada um deles. (CAPELATO, 2003, p. 109).

Capelato nos mostra que essas medidas não fizeram parte apenas da realidade brasileira, e sim de muitos países da Europa, não esquecendo que esse tipo de governo teve seu nascimento e seus maiores exemplos no continente europeu.

Em se tratando do Brasil, apesar de Getúlio Vargas apresentar características próprias, o país teve muitas influências dos ideais da época, tais como ideais nazi/fascistas³⁴, lembrando que esses governos se autoinfluenciavam. Essas influências, sob novas roupagens, dirigiram por anos a nossa política. Essa nova abordagem apresentava, assim como nos regimes europeus, uma crítica ao liberalismo³⁵, à democracia e propunha um governo autoritário, esse ficaria encarregado de promover as mudanças consideradas necessárias para o Brasil.

É sabido que Vargas estava de forma cautelosa, adotando posturas de cunho um tanto quanto manipuladoras e ditatoriais, o que refletiu de forma clara no chamado Estado Novo. Getúlio Vargas buscou de todas as formas criar uma identidade nacional no Brasil, e a educação também não ficou de fora do olhar nacionalista desse personagem.

³⁴ **Nazi/Fascista:** Regimes totalitários contrários a democracia surgidos na Alemanha e na Itália entre os anos de 1922 e 1945; SILVA, Kalina Vanderlei, SILVA, Maciel Henrique. Dicionário de Conceitos Históricos. São Paulo: Contexto, 2005, p. 141.

³⁵ **Liberalismo:** Regime que garante a liberdade do indivíduo possuir propriedade privada sem a intervenção do Estado; SILVA, Kalina Vanderlei, SILVA, Maciel Henrique. Dicionário de Conceitos Históricos. São Paulo: Contexto, 2005, p. 257.

Então o Estado Novo propiciou ações para a unificação da educação brasileira, e, com isso o diferente passou a não ser mais aceito, a máquina administrativa, estruturada até o momento, foi utilizada para homogeneizar a “cultura nacional” através de inúmeras atitudes repressivas e educativas, envoltas da área do civismo e do patriotismo. (PETRY, 2003, p. 104).

Percebemos, com a afirmação mostrada acima, que Vargas então buscou aliar seus ideais de governo ao sistema educacional, buscando definir e uniformizar parâmetros e diretrizes educacionais com o objetivo de nacionalizar as iniciativas públicas voltadas à educação e também pretendia padronizar o ensino público em seus diferentes níveis em todo o território nacional no que se referia às grades curriculares e aos conteúdos das disciplinas lecionadas. Não ficou de fora desse contexto o trabalho visando o respeito a sua figura, pois ele deveria ser visto como o dirigente destinado a conduzir o Brasil a grandeza política e econômica.

A Constituição de 1937 tornou o ensino primário gratuito e com características laicas³⁶, garantindo às escolas o direito de cobrar das famílias com mais recursos uma taxa especial de subvenção. O acesso ao ensino no país procurou ser ampliado.

A educação no Brasil nesse período possuía uma forte influência das ideias da época, também adotadas por Benito Mussolini³⁷ e Adolf Hitler³⁸, em que os alunos eram doutrinados a adorar a sua bandeira, a educação física possuía um caráter militarista a fim de treinar os alunos para formarem fileiras e pelotões, nas escolas eram feitos desfiles a moda militar, e também havia um forte preparo para os grandes eventos públicos destinados a festejar Vargas e o Estado Novo. A educação se tornou um grande trunfo do governo na busca do ideal nacionalista, como nos afirma Petry:

Aos poucos, a atuação educativa em todo o país foi adquirindo maior importância, tanto no debate teórico quanto na execução das medidas. Com o passar dos anos, a educação passou a ter dois enfoques: o escolar e o extraescolar (neste caso as atividades cívicas). (PETRY, 2003, p. 104).

Outro aspecto que esteve presente no governo de Vargas foi a aliança com a Igreja Católica, formada para deixar homogênea a religiosidade visando uma unidade nacional em todos os aspectos.

³⁶ **Laico:** Desvinculado a qualquer prática ou crença religiosa.

³⁷ **Benito Mussolini:** Chefe supremo do regime Fascista da Itália.

³⁸ **Adolf Hitler:** Chefe supremo do regime Nazista da Alemanha.

Uma importante base de apoio do governo foi a Igreja Católica. A colaboração entre a Igreja e o Estado não era nova, datando dos 20 anos, especialmente a partir da presidência de Artur Bernardes. Agora ela se tornava mais estreita. Marco simbólico da colaboração foi a inauguração da estátua do Cristo Redentor no Corcovado, a 12 de outubro de 1931. (FAUSTO, 1999, p. 332).

Essa afirmação de Fausto nos mostra então que o fator religião esteve presente tanto na Era Vargas como no Estado Novo; tais aspectos acabariam por moldar todo o contexto do conflito, não apenas o inicial, mas também o final do movimento foco do trabalho, o Movimento messiânico dos Monges Barbudos.

Observando movimentos de cunho religioso, durante a nossa história, percebemos que o messianismo está diretamente ligado à forte religiosidade popular. A mesma se forma ao redor de um líder, que, ao atrair seguidores, acaba por despertar a atenção dos protetores da ordem vigente, o que o faz se transformar em uma ameaça devido a sua nova organização popular.

Com a intensa participação da Igreja católica na colonização, era natural que da religião oficial transbordasse uma forte religiosidade popular, marcada por tradições locais firmadas em torno de rezadores, milagreiros, movimentos messiânicos, etc. (PRIORE, 1994, p. 47).

Não é novidade que, historicamente, a Igreja Católica sempre teve forte influência sobre as sociedades e no Brasil não foi diferente. No período em questão, a Igreja se mostrou uma boa aliada do Estado Novo, pregava bons comportamentos e de certa forma uma obediência a ordem vigente.

Assim, com a afirmação de Priore, nos é mostrada a influência que a Igreja Católica teve na formação dessas mentalidades desde o início da história do Brasil, perpassando de geração para geração e se adequando a diferentes ambientes e situações. Outro fator que não podemos deixar passar despercebido é o contexto em que essas mentalidades foram se fortalecendo no nosso país, as mesmas foram sendo cunhadas e amparadas por uma grande diversidade cultural e racial como também por uma instabilidade institucional. Sobre esse aspecto, Hermann salienta:

Esta fragilidade institucional, aliada a um encontro racial e cultural múltiplo no Brasil colonial, explicaria, para muitos autores, a heterogeneidade e mesmo a mistura de crenças diversas nas variadas formas de expressão da religiosidade popular, tema que lentamente ganhou expressão e esboçou

um quadro bastante amplo de questões que os estudos sobre religião e religiosidade conheceriam no Brasil. (HERMANN, 1997, p. 347)

Na citação acima, Hermann nos salienta que um país tão rico em miscigenação, culturas e pensamentos não poderia, de forma contrária, possuir uma mentalidade homogênea, fazendo assim do Brasil um berço de ideias, crenças e costumes. Podemos dizer, assim, que nosso país, desde sua colonização, obteve sempre uma forte religiosidade. Essa religiosidade buscava suprir anseios, nortear direções ou até mesmo suprir necessidades físicas ou espirituais.

O clima espiritual do Brasil no século XVIII, sobretudo nas camadas mais humildes, foi alimentado pela presença de muitos sacerdotes e também leigos piedosos, que em vida ou depois de mortos foram reverenciados pela população. (PRIORE, 1994, p. 47).

Dessa forma, Priore nos mostra que esse fenômeno vem se desencadeando de forma introspectiva, mas presente, e o mesmo, com o passar do tempo, passou a ganhar mais força chegando algumas vezes a se fundir com questões sociais ou até mesmo políticas dos locais de sua eclosão, tendo no Rio Grande do Sul seguindo o mesmo caminho.

2.3 O Rio Grande do Sul e o Movimento dos Monges Barbudos

O movimento foco de nossa revisão, o Movimento dos Monges Barbudos, ocorreu no Estado do Rio Grande do Sul, o qual possui uma história econômica, política e social bem peculiar, boa parte dela fazendo ligação direta com vários aspectos do Brasil.

A história de nosso estado anda de forma alinhada com a história de nosso país, mas como nosso objetivo é de forma rápida contextualizar alguns períodos específicos do nosso estado, vamos nos deter a um recorte pré/posterior da república Rio Grandense.

Partindo desse ponto inicial, podemos relatar que inicialmente nosso estado possuía uma forte influência do positivismo³⁹, adotado pelo Partido Republicano Rio-Grandense (PRR) na figura de Júlio de Castilhos. Mesmo essa ideia tendo feito

³⁹ **Positivismo:** Corrente filosófica criada na França no início do século XIX por Augusto Comte. Tem como ideia principal a verdade absoluta através de estudos científicos.

parte de todo esse contexto, a mesma só foi exposta após a consolidação desse governo.

Essa linha adotada caracterizou os caminhos do Rio Grande do Sul na época, e tinha como objetivo oferecer uma série de respostas aos problemas até então enfrentados pelos gaúchos. A ideologia positivista inspirada na teoria de Augusto Comte era defensora de uma classe burguesa⁴⁰ em crescimento e do capitalismo⁴¹ em desenvolvimento.

[...] a visão positivista pretendia conciliar o progresso econômico com a conservação da ordem social. No Rio Grande do Sul, tratava-se, antes, de construir o capitalismo e de proporcionar o desenvolvimento da acumulação privada de capitais, removendo entraves ou intervindo diretamente em casos especiais, como, por exemplo, nos transportes. (PESAVENTO, 1992, p. 38).

Pesavento nos mostra, em suas palavras, que, de certa forma, essa visão pretendia alinhar o progresso econômico com a conservação da ordem social, promovendo entre outros aspectos um padrão na sociedade.

Em fim do século XIX e os anos iniciais do século XX, a base social do PRR era construída por latifundiários pecuaristas⁴², os quais abasteciam o mercado interno, pois com sua economia subsidiária e seus produtos apresentavam-se com grande destaque nas exportações, lembrando que a economia do estado, desde sua formação, foi construída na agropecuária com base na agro-exportação, voltada para o abastecimento de alimentos para o restante do país. Dentro dessa economia gaúcha, os estancieiros eram fornecedores da matéria-prima para a charqueada⁴³. Estes dependiam dos preços oferecidos pelos charqueadores, os quais achavam-se na dependência da economia central de exportação e das necessidades geradas pelo mercado interno, ficando o lucro com as casas consignatórias nos mercados centrais.

⁴⁰ **Burguesia:** Segundo Karl Marx e Engels, burguesia é a classe dos capitalistas modernos, proprietários dos meios de produção e exploradores da classe dos trabalhadores assalariados; SILVA, Kalina Vanderlei, SILVA, Maciel Henrique. Dicionário de Conceitos Históricos. São Paulo: Contexto, 2005, p. 34.

⁴¹ **Capitalismo:** Sistema econômico surgido no Ocidente da Idade Moderna e que impera os dias atuais. Se baseia no acúmulo de capital nas mãos de poucas pessoas; SILVA, Kalina Vanderlei, SILVA, Maciel Henrique. Dicionário de Conceitos Históricos. São Paulo: Contexto, 2005, p. 43.

⁴² **Latifundiários e pecuaristas:** Grandes proprietários de terras (Latifúndios) e grandes criadores de gado (pecuaristas).

⁴³ **Charqueda:** Local destinado ao abate do gado para preparação do charque.

Por outro lado, PRR buscava novos caminhos para contemplar a economia gaúcha. A ideia era não depender apenas de um setor, mas possuir várias alternativas. “Em termos mais propriamente econômicos, a ideia conteana⁴⁴ do progresso traduzia-se numa proposta de desenvolvimento das forças produtivas na província que atendesse a todos os setores da economia. (PESAVENTO, 1992, p.42).

Percebemos, então, segundo a citação acima, que se buscava atender diferentes interesses e necessidades dentro da sociedade gaúcha, através de diferentes bases econômicas e na criação de novas áreas e setores. Mas para isso mostravam-se imperativas várias mudanças no plano vigente, entre elas na questão do transporte.

Como forma de conseguir este desenvolvimento global e harmônico, o PRR dispunha-se a encarar a questão dos transportes no estado como prioritária, entendendo que, ao solucionar os problemas da órbita da circulação de mercadorias, estaria atendendo a todos os setores econômicos do Rio Grande do Sul. (PESAVENTO, 1992 p. 42).

Fica evidente, então, que nessa nova etapa se conhecia a importância do transporte para uma melhora na economia gaúcha, visto que aumentaria significativamente a exportação. Essa consequência se verificaria em diversificadas áreas.

Partindo para um olhar mais político da instalação da República no Rio Grande do Sul, percebemos que se buscou a adoção de uma forma de governo autoritário, em que se assegurava o domínio das classes conservadoras no Estado. Podemos dizer que foi Júlio de Castilhos (presidente do Rio Grande do Sul) o ideólogo e estadista máximo neste período inicial da República e o autor da constituição Estadual de 14 de julho de 1891, a qual postulava que o vice-presidente seria nomeado pelo presidente estadual e que este podia continuamente reeleger-se. (PESAVENTO, 1992).

O governo centralizado e positivista de Júlio de Castilhos não agradou boa parte dos gaúchos, e essa insatisfação se confirmou com a Revolução Federalista que assolou o estado entre os anos de 1893 a 1895. Essa Revolução foi um conflito armado de caráter político e colocava em disputa dois grupos gaúchos: Os

⁴⁴ **Ideia Conteano:** Ideais positivistas provindas da teoria de Augusto Comte.

Chimangos e os Maragatos. Os Chimangos, também conhecidos como Pica Paus, eram defensores do governo Castilhista,⁴⁵ do presidencialismo⁴⁶, do positivismo e do governo federal. Já os Maragatos (federalistas), liderados por Gaspar Dutra, iam contra o governo de Júlio de Castilhos e queriam o derrubar do poder, eles apoiavam também uma forma de governo baseado no parlamentarismo e buscavam uma revisão constitucional a nível nacional. Ao declararem “guerra” aberta contra o governo de Castilhos, os Maragatos se viram ao mesmo tempo indo contra o governo federal, pois o então presidente do Brasil Floriano Peixoto se colocou ao lado de Júlio de Castilhos, fazendo esse conflito atingir um âmbito nacional.

Também durante o processo, nos deparamos com nomes tais como Benjamim Constante e Joaquim José Felizardo Júnior, e percebemos também uma forte participação religiosa nesse período e uma grande distribuição da literatura positivista⁴⁷. No decorrer disso, percebemos que houve uma polarização de tendências profissionais no RS, entre positivistas políticos e religiosos. (PESAVENTO, 1992).

As coligações nacionais e regionais fortaleceram os laços que uniam o PRR a Floriano e ao exército, contribuindo para a vitória dos seguidores de Castilhos no Sul e, após a vitória, o PRR se firma como monopolizador do governo, que se mostrou organizado e disciplinado, em que coronéis ocupavam boa parte dos cargos internos por serem homens de confiança. Notamos, então, que o grande intuito dos federalistas era derrubar Castilhos e sua linha positivista, que era considerada antidemocráticas e anti-liberalistas.

Mesmo os federalistas não tendo conseguido seu objetivo principal, conseguiram uma promessa do governo estadual, como nos aponta Pesavento: “[...] os federalistas depuseram as armas em 1895, tendo conseguido do governo estadual a promessa de rever a Constituição, principalmente no ponto que tocava à reeleição do presidente do estado”. (PESAVENTO, 1992 p. 48).

Ao analisarmos esse contexto, evidenciamos que esse conflito político, apesar de não ter conseguido seus objetivos (tirar Júlio de Castilhos do poder), foi um conflito muito violento e mostrou de forma clara que a Proclamação da República

⁴⁵ **Castilhista:** Governo sob influência de Júlio de Castilhos.

⁴⁶ **Presidencialismo:** Forma de governo comum nas repúblicas onde o poder é dividido em três esferas: Executivo, legislativo e Judiciário, sendo o Presidente o chefe maior do Estado.

⁴⁷ **Literatura positivista:** Livros exaltando os ideais positivistas de Augusto Comte.

e suas ramificações de poderes não foram aceitas de forma unânimes nos estados e em outras partes do Brasil. Acerca da violência do episódio, Pesavento salienta que:

Em 1893 eclodia no Rio Grande do Sul a mais séria das contestações ao republicanismo gaúcho: a Revolução Federalista. A "revolução da degola", que se estendeu até 1895, ficou tristemente célebre pelas atrocidades cometidas por ambos os lados: de um, os maragatos, portadores do lenço vermelho; de outro, os pica paus, defensores de Castilhos, que usavam um lenço branco. (PESAVENTO, 1992, p. 48).

Analisando as palavras de Pesavento, notamos o quão violento e marcante foi esse acontecimento em nosso estado, colocando duas ideologias em conflito. Após o término e essa “trégua” através de diplomacia decretada, o PRR se manteve no governo, tendo Júlio de Castilhos governando segundo suas características, entre elas a não ocupação de cargos públicos por opositores. Isso também ocorreu a nível nacional, em que nenhum federalista teve assento na Assembleia ou no Congresso. Castilhos passou seu poder a Borges de Medeiros em 1898, mas se manteve à frente do partido até sua morte, em 1902.

Borges de Medeiros, além do cargo de chefe do estado também herdou a direção do PRR, e seguindo os ideais positivistas também optou e instaurou no Rio Grande do Sul o regime republicano autoritário e centralizado. Sobre essa etapa, Pesavento aponta que: “Borges herdou uma máquina partidária solidamente consolidada, dando continuidade política e administrativa ao castilhismo. Contava com o apoio de uma assembleia constituída somente de deputados do PRR”. (PESAVENTO, 1992, p. 48).

Borges de Medeiros manteve, então, as características do governo de Júlio de Castilhos e consolidou o poder do Partido Republicano Rio-grandense, mas apesar da linearidade do governo e tensões antigas adormecidas seu governo nos anos finais viria enfrentar algumas crises, em especial no período da I guerra.

Essas crises durante a I Guerra agitaram o estado, tendo como resultado uma greve geral em 1917, greve que paralisou a capital. Então Borges de Medeiros cumpriu papel reconciliador para não se agravar a situação e intercedeu junto ao movimento para aumento dos salários do operariado.

Segundo Pesavento (1992), a crise econômica após a guerra seguiu-se de um período de inflação e ampla concessão de empréstimos. Nesse momento, Borges de Medeiros continua com a política econômica gaúcha. Rapidamente, a

crise extrapola os limites da economia e chega ao plano político. Essa crise, aliada a reeleições sucessivas e plebiscito irregulares, dão início à Revolução de 1923.

Essa primeira etapa de republicanos teve como características a relação entre governantes e positivistas, dominando as quatro décadas da República Velha gaúcha, mas nem um foi tão fiel ao positivismo como Júlio de Castilhos que se proclamou submisso aos ideais de Comte os quais citou muito em “A federação⁴⁸”.

Com o fim do governo de Borges de Medeiros, Vargas assume o poder do Rio Grande do Sul, em 1928, e dá fim ao positivismo que imperou durante décadas no Estado. Dois anos mais tarde, ele efetua o golpe de 30 e se tornaria presidente do Brasil e, mais tarde, em 1937, implantaria um regime conhecido com Estado Novo.

Como já citado, uma das características do Estado Novo era a centralização de todos os aspectos da sociedade, essas englobando questões sociais, políticas, religiosas, econômicas entre outras. Nesse contexto, qualquer menção a fugir do padrão imposto por essa forma ditatorial de governo, era visto e encarada como uma ameaça, uma afronta, um empecilho ao desenvolvimento e a mesma deveria ser eliminada.

Seguindo essas táticas de governo, Vargas, de forma geral, conseguiu o desejado, deixou o Brasil com um aspecto mais nacionalista, lembrando que o mesmo apesar de todo o perfil apresentado, era muito carismático e conseguiu sem maiores problemas dar o rumo que desejava ao Brasil, e muitos dos aspectos tinham influências do fascismo, nazismo, do autoritarismo, do anti-liberalismo e do conservadorismo, e nesse viés movimentos de vários cunhos foram perseguidos.

Dando a devida atenção às características do Estado Novo, bem como ao material existente sobre o Rio Grande do Sul no período, percebemos que a região sul, devido a seu grande número de imigrantes de descendência germânica, só não ficou de fora como também teve um olhar especial do presidente em questão. Sobre essa perspectiva, Gertz complementa que “Na memória histórica, quando alguém se refere ao campo educacional durante o Estado Novo no Rio Grande do Sul, as primeiras coisas que vêm à lembrança são as campanhas de nacionalização”. (GERTZ, 2004, p. 94).

Levando em consideração essa afirmação, percebemos então peculiaridades vindas para o estado junto com o Estado Novo, abrangendo escolas e comunidades,

⁴⁸ “**A federação**”: Jornal gaúcho fundado em 1884 em Porto Alegre como órgão oficial do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR).

passando por uma reeducação em vários aspectos, sendo essas culturais ou de seus próprios costumes.

O estado, assim com o país, passava por uma reformulação de âmbito geral, o objetivo era mudar e moldar raízes bem como ramificações já existentes da sociedade e, claro, que tanto em um quanto no outro, o regime de Vargas não foi um regime favorável para os grupos sociais, que eram perseguidos e isolados, visando a uma linearidade no que diz respeito a condutas sociais. Essa forma de controle acabou por desenhar o pano do conflito para o movimento messiânico revisado. O movimento dos Monges Barbudos.

3 O BRASIL E OS MOVIMENTOS MESSIÂNICOS

Após uma breve contextualização do Brasil e do Rio Grande do Sul, esse segundo capítulo busca dar uma noção geral acerca de movimentos messiânicos, em que serão apresentados aspectos gerais dos mesmos, bem como uma revisão de três movimentos ocorridos em diferentes regiões do Brasil: Mucker, Canudos e Contestado.

Quando falamos em Movimentos de cunho messiânico, não devemos esquecer que o mesmo não foi exclusivo do Brasil, mas de vários outros países, povos e sociedades, eclodindo por variados fatores, contemplando características próprias de seus territórios de eclosão.

Ao fazermos uma análise mais detalhada acerca desse assunto, não devemos esquecer o quão peculiar e de características próprias cada movimento se apropria, fazendo assim de cada um algo único e incomparável. Ao estudarmos aspectos significativos de cada acontecimento, não devemos esquecer que deverá entrar em nossas considerações a questão mentalidade, pois ao se tratar de movimentos envolvendo ideologias, crenças entre outros, tornando-se imperativo esse olhar mais cuidadoso acerca dos detalhes.

Sobre a história das mentalidades, Vainfas nos salienta que a mesma é genuinamente francesa, que apesar de contestada desde seu início no país, ganhou formato próprio e ultrapassou as barreiras europeias.

O estudo das mentalidades soube ultrapassar as fronteiras da França e irrigar a historiografia de outros países europeus, para não falar da América Latina e dos Estados Unidos, onde foi certamente filtrado e repensado de acordo com as tradições culturais e historiográficas daqueles países. (VAINFAS, 1997, p. 143).

Portanto, nos é apresentado de forma clara o salto no que diz respeito à linha de estudos referentes às mentalidades, o que veio somente a acrescentar e enriquecer a historiografia brasileira, pois, com o auxílio desse viés de estudo, conseguimos, de forma satisfatória, adentrar no imaginário desses movimentos.

Segundo Augé (1974, p.101), “podemos dizer que a introdução dos movimentos messiânicos como objeto de estudo surge quando as investigações africanistas foram encerradas ao nível dos sistemas de representações”.

Salientando isso, percebemos que esse estudo ganhou mais notoriedade após extinguidos os estudos representativos relacionados a questões de mitos e aos estudos das cosmogonias⁴⁹ africanas. Movimentos messiânicos, apesar de vistos pelos regimes vigentes como algo pejorativamente generalizado, podem aparecer sob diversas facetas:

Constituem-se como movimentos messiânicos, milenaristas, ou messiânico-milenaristas desde simples contestações pacíficas quanto a aspectos selecionados da vida social, até rebeldias armadas, ambos os tipos informados pelo universo ideológico religioso, capazes de ao mesmo tempo, diagnosticar as causas das atribuições e sofrimentos e indicar caminhos para sua superação, desde os mais racionais até os mais utópicos. (NEGRÃO, 2001, p. 119).

Com essa afirmação de Negrão, percebemos que esses movimentos não necessariamente seguem um padrão (ideológico, religioso entre outros) para terem seu início, mas absorvem características próprias de cada contexto, fazendo de cada um desses algo único, englobando suas próprias características, diferenciando-se de região para região.

Percebemos, dessa forma, que estudo a tais movimentos não é algo novo e nem específico de um determinado lugar, mas como nosso objeto de análise é um movimento ocorrido no sul do Brasil, vamos nos deter a esse recorte.

Observando o Brasil desde sua fase colonial, percebemos que esses movimentos se iniciam já com nossos indígenas, tendo como fatores principais os novos moldes de vida dos mesmos, provindo das mudanças que a colonização trouxe para seu cotidiano. Dessa forma, passaram a buscar amparos para suprir necessidades de variadas vertentes. Sobre essa perspectiva, Negrão nos diz:

O Brasil tem sido especialmente pródigo na geração de movimentos messiânicos. Desde o primeiro século colonial, índios guarani puseram-se em busca da “terra sem males” e indígenas destribalizados constituíram os chamados “movimentos de santidade”. (NEGRÃO, 2001, p. 120).

Com a afirmação de Negrão (2001), podemos perceber que esses movimentos estiveram presentes desde o início de nossa história, mas por outro lado são poucos conhecidos, como volta afirmar Negrão no seguinte trecho. “Mas a maioria deles, ou pelo menos aqueles sobre os quais se tem maior documentação,

⁴⁹ **Cosmogonias:** Doutrinas baseadas em princípios religiosos.

transcorreu entre populações sertanejas, do nordeste ao sul do país, no período de pouco mais de um século, a partir de cerca de 1820". (p.120)

Esses movimentos, como já citado anteriormente, têm em suas bases as diferentes mentalidades de grupos, incorporando vários aspectos, mas percebemos que o fator religião é um aspecto que se faz presente na maioria dos eventos ocorridos.

O imaginário religioso progressivo, sua exacerbação ou superação por uma nova revelação profética, está sempre presente, interpretando a realidade, postulando objetivos e indicando os meios pelos quais estes serão alcançados. (NEGRÃO, 2001, p.121).

Partindo dessa afirmação, compreendemos que esses movimentos estão ligados a fortes raízes religiosas desses grupos, não necessariamente voltadas à religião como um fator homogêneo imposto por alguma instituição, mas religiosidade no sentido de valores, sentimentos e raízes tradicionais, muito prezadas pelos indivíduos integrantes desses grupos.

Esses integrantes, por muito, queriam apenas manter vivos seus costumes, crenças, cultivando as lembranças no que dizia respeito aos seus antepassados e forma de vida, mas devido à origem de seus componentes, esses passaram a ser vistos como grupos de riscos aos sistemas vigentes, passaram a ser associados à ignorância, a seres irracionais e manipulados, e os movimentos em si passaram a ser vistos pela "sociedade" como uma forma de histeria coletiva, sempre abastecida e direcionada pela histeria de seu líder.

Essas características se encontram na grande maioria dos movimentos ocorridos no Brasil, entre eles o dos "Monges Barbudos", fazendo deste, apesar de suas características próprias, mais um episódio de um grupo perseguido devido à sua forma de vida e à incompreensão da época:

O acontecimento dos Monges Barbudos, movimento messiânico ocorrido em Soledade, Rio Grande do Sul, entre os anos de 1935 e 1938, não pode ser analisado como um caso isolado, no Brasil. Relembrando os movimentos messiânicos que o precederam, tais como os Mucker, Canudos, Contestado, entre outros, qualquer agrupamento de pessoas que apresentasse alguns traços religiosos diferentes da religião oficial era logo apontado como reunião de fanáticos, e sendo assim, um grupo que se apresentava perigoso à sociedade. (FILATOW, 2012, p. 53).

Filatow, em suas palavras, nos relembra movimentos de mesmo cunho, sempre inseridos em contextos de suas épocas e localidades, assemelhando-se em muito com o movimento a ser revisado, sendo assim, fica evidente a necessidade de apresentar a importância de se estudar tais movimentos, buscando uma compreensão acerca das mentalidades e contextos em que os mesmos ocorrem. A seguir, conheceremos de forma sucinta os movimentos já citados no início desse capítulo e corroborado por Filatow, ou seja, adentraremos nos movimentos dos Mucker, Canudos e Contestado.

3.1 O Movimento Mucker

Figura 1 – Mapa atual mostrando onde ocorreu o movimento Mucker



Fonte: Disponível em:

<https://www.google.com.br/search?esqv=2&biw=1366&bih=662&tbm=isch&sa=1&q=MAPA+SASAPIRAN&oq=MAPA+SAPIRANGA&gs_l=img.3..0l2j0i8i30k1l4j0i24k1.16214.17694.0.17843.11.10.0.0.0.0.275.1158.0j4j2.6.0....0...1c.1.64.img..5.6.1151...0i30k1.VAZpcLPPQ9A#imgrc=MBfMB6VJGaJQjM%3A> Acesso em: 16 nov. 2016.

Antes de fazermos uma descrição mais detalhada sobre o episódio, percebemos a necessidade de apresentar o mesmo de forma breve, sendo que essa abordagem busca uma concepção geral acerca do movimento. Mas antes de tudo, percebemos a importância de salientar que, devido à proximidade geográfica do episódio, bem como o distanciamento temporal referente aos outros movimentos, o

movimento Mucker terá um número maior de informações se comparado aos movimentos de Canudos e Contestado.

A Revolta dos Mucker foi um conflito que ocorreu no final do século XIX, entre os anos de 1868 e 1874, para sermos mais precisos. A mesma ocorreu envolvendo imigrantes alemães no atual município de Sapiranga, Rio Grande do Sul, lembrando que, no período do episódio, Sapiranga pertencia a São Leopoldo e tinha como nome localidade do Padre Eterno. Esses imigrantes, assim como muitos outros, vieram para o Brasil devido a vários fatores, entre eles as promessas da corte imperial brasileira, envolvendo entre outras coisas questões de terras e posses.

A forma de vida dos integrantes do grupo, esses vivendo no morro Ferrabraz⁵⁰, na atual Sapiranga, começou a desagradar moradores da comunidade, entre eles católicos e protestantes, (não esquecendo que havia membros do grupo seguidores dessas religiões) estes viam os Mucker como uma ameaça social, política e religiosa à ordem vigente. Após vários ocorridos, o grupo liderado por Jacobina Mentz Maurer e seu marido João Maurer, passou a ser perseguido, bem como difamado, o que levou a vários conflitos e mortes de ambos os lados. Com uma decisão das autoridades locais, o conflito recebeu ajuda do Exército imperial, comandado pelo então Cel. Genuíno Sampaio. Após um desses confrontos, o Coronel acabou falecendo e, dias depois, após uma traição interna, os Mucker foram massacrados.

O episódio em questão é um dos movimentos mais conhecidos do Rio Grande do Sul e, além de fazer parte da história de toda a região que abrangeu, também ficou conhecido no estado e no Brasil devido ao seu violento desfecho.

Por muito tempo, a visão difundida dos Mucker era a de um grupo de fanáticos, de loucos “religiosos” e de perturbadores da paz. Essa visão por muito foi construída no imaginário dos moradores da região através de discursos manipulados e sem bases, usando a falta de documentos como trampolim para exaltar tais ideias. Sobre esse aspecto, Gevehr nos diz:

A ausência de fontes documentais produzidas pelo próprio grupo fez com que durante muito tempo a única versão dos fatos fosse a presente nos autos dos processos judiciais e nas fontes orais do lado daqueles que derrotaram os Mucker. (GEVEHR, 2011, p. 759).

⁵⁰ **Morro Ferrabraz:** Local onde viviam os Mucker, morro localizado em Sapiranga.

A partir dessa afirmação de Gevehr, corroboramos a ideia de que a falta de documentos que possibilitasse voz ao grupo Mucker, acabou por ajudar na criação dessa ideia bem como na difamação do grupo em questão. Gevehr também nos chama atenção para a falta de imagens que nos remetam aos personagens bem como ao cenário da época do conflito, deixando assim, além de uma lacuna no movimento, margens para possíveis versões dos vencedores. “Outro fator que em nossa análise julgamos essencial é a ausência de imagens que materializem os personagens ou até mesmo o cenário na época do conflito, o que torna o grupo – e de forma especial sua líder Jacobina – mais enigmático. (GEVEHR, 2011, p.759)

Segundo relatos populares, Jacobina seguidamente entrava em transe, era acometida por desmaios e podia prever doenças e outros males, aspectos que teriam ajudado a mistificar aspectos pejorativos ao grupo (fanáticos, loucos, entre outros). Nas versões de cunho oficial, Jacobina era acusada de enganar e persuadir colonos que frequentavam seus cultos, fato reafirmado por Gevehr, que em sua tese salienta o seguinte aspecto sobre os desmaios: “Segundo a versão oficial, esses eram intencionais e teatralizados, com o objetivo de enganar os colonos que compareciam aos cultos por ela ministrados”. (GEVEHR, 2007, p.13).

Em suas palavras, Gevehr nos aponta a tendência que meios oficiais tinham para acusações ao grupo bem como a pessoa de Jacobina, essas de certa forma criadas pelo não entendimento da forma de vida que o grupo Mucker levava.

Jacobina Mentz Maurer foi considerada a líder religiosa dos Mucker e, juntamente com seu marido, João Jorge Maurer, conhecido como o “curandeiro”, liderava o grupo de colonos denominados Mucker, constituído talvez, por cerca de 150 pessoas. A denominação foi difundida na região, ao que tudo indica, pelo pastor evangélico Frederico Boeber, que teria utilizado esse termo para se referir em seus cultos ao grupo organizado no morro Ferrabraz (GEVEHR, 2007, p.13).

Percebemos, a partir da afirmação de Gevehr, que esse modo de vida teve como centro unificador a figura de Jacobina, vista como uma líder, alguém que, de certa forma, estava ali para suprir os anseios de seus seguidores, anseios das mais variadas vertentes, sempre em companhia de seu marido, que também teve papel importante na formação do grupo.

Jacobina nasceu em Novo Hamburgo, no ano de 1842, e era filha de colonos alemães que para cá vieram nos primeiros anos da colonização alemã na região. Os

familiares de Jacobina tiveram alguns problemas de cunho religioso na Alemanha, decorrentes de diferentes ideias dentro do próprio luteranismo⁵¹ o que fez sua família, após alguns “conflitos” por discordância de ideais, mudar-se de cidade e fundar uma nova Igreja, o mesmo acontecendo quando aqui no Rio Grande do Sul se instalaram na cidade de Novo Hamburgo.

Sua família tivera problemas de ordem religiosa na Alemanha, pois, adepta do grupo pietista⁵² da Igreja Luterana, não se conformava com as novas orientações da instituição, quanto à linha adotada, e acusava-a de desviar-se dos ensinamentos bíblicos. Libório Mentz, avô de Jacobina, coordenou o grupo descontente, que se mudou para o povoado de Tambach, onde fundaram nova Igreja e não permitiam que seus filhos frequentassem a escola. Nesse período, o patriarca e a família emigraram para o Brasil. Em Novo Hamburgo, ele construiu uma igreja e organizou um coral, participando, assim, ativamente das atividades religiosas da comunidade, sem envolver-se em novos conflitos. (KUNZ, 2012, p. 138).

Percebemos, com as afirmações de Kunz, que a família de Jacobina já seguia de certa forma uma religiosidade segundo suas crenças, permanecendo aqui em seu novo território de moradia.

Aqui no Brasil, Jacobina frequentou a escola por alguns anos, apesar de ser educada aqui, ela teve uma educação em alemão e pouco conhecia do português. Com 9 anos de idade, Jacobina teve a perda de seu pai, que deixou sua mãe com mais oito filhos. Anos mais tarde, casou-se com João Jorge Maurer, também filho de imigrantes alemães, mas nascido aqui no Brasil. Após o casamento, moraram por determinado tempo na casa da mãe da Jacobina, logo mudando-se para o morro Ferrabrás, onde João Maurer havia comprado um lote de terra.

No Ferrabrás, o casal passou a viver junto com seus filhos com o trabalho de Maurer, que era carpinteiro. Após conhecer o curandeiro Buchhorn, João Maurer aprendeu o ofício e passou a praticá-lo em sua própria casa.

Maurer passou a atender várias pessoas, podemos observar esse aspecto por dois diferentes ângulos. Por um lado, Maurer se tornou muito conhecido e passou a ser chamado de “curandeiro” e, por outro, podemos destacar a precariedade em bases para saúde, a qual representava altos gastos e longo tempo de afastamento da roça. Sobre esse aspecto, Fernandes nos aponta:

⁵¹ **Luteranismo:** Crenças e doutrinas religiosa criada na Alemanha por Martinho Lutero;

⁵² **Pietismo:** Doutrina criada dentro da Igreja Luterana que valoriza as experiências individuais do adepto, indo contra a ortodoxia da escolástica protestante e da sistematização dos ensinamentos de Lutero.

No entanto, a doença era um risco muito sério. Médicos, só em São Leopoldo. Adoecer representava um gasto que nem sempre a família poderia fazer. Por isso ir ao médico era sinal de dívida e, portanto, o último recurso a ser procurado. (FERNANDES, 2005, p.77).

Partindo da citação acima, percebemos que, muitas vezes, o que restava para as famílias era procurar Maurer e suas técnicas de cura. Podemos perceber, também, que devido a esse fato, inicialmente Maurer tinha um papel de maior notoriedade do que o de sua esposa, que apenas auxiliava o marido no tratamento das pessoas que o procuravam, fazendo um papel secundário nesse contexto inicial. Com o passar do tempo, Jacobina passou a fazer cultos, nos quais lia e interpretava trechos da Bíblia, e tais interpretações mais tarde passaram a ter um caráter mais livre e Jacobina começou a aglomerar seguidores, que passaram a segui-la como se a mesma fosse uma espécie de porta voz, um messias. Essa situação passou a desagradar membros da sociedade, pois viam o grupo como uma ameaça à ordem, à economia, à religião e ao progresso da colônia, esses membros da sociedade descontentes como aponta Gevehr (2007, p.17) eram os alemães civilizados, isto é, os não Mucker.

A afirmação citada de Gevehr se dá como demonstração ao imaginário criado para com os Mucker pela sociedade que desaprovava o estilo de vida do grupo. Esse é o objeto de análise de sua tese, em que o autor analisa as representações sociais construídas sobre os Mucker, no período compreendido entre o desfecho do conflito, em 1874, e os dias atuais.

Com a intensificação dos cultos e o aumento do número de adeptos às “pregações” de Jacobina, a Igreja se sentiu incomodada e passou a fazer suas missas contra o grupo.

Depois que os cultos na casa dos Maurer se tornaram mais intensos e com maior número de adeptos, a igreja em 1871, iniciou sua ofensiva contra o movimento. Tanto os padres como os pastores usavam o púlpito para pregar contra as atividades religiosas do grupo. Quando os Mucker se afastaram da igreja, os religiosos intensificaram os ataques, escrevendo, inclusive, artigos em jornal, e incitando as autoridades a tomarem atitude. (KUNZ, 2012, p. 143).

Percebemos, dessa forma, que tensões se intensificavam e que os Muckers passaram a ser abertamente “perseguidos”. Em 1873, o pastor Boeber deu início a um abaixo-assinado contra os Mucker, autorizando ofensivas por parte do então

delegado Lúcio Schreiner, primo de Jacobina. A partir desse momento, o contexto para o conflito foi se desenhando, de um lado ficavam autoridades religiosas, autoridades policias e civis e de outro, o grupo seguidor de Jacobina.

Além de todo esse contexto, muitas intrigas e fatos não comprovados recaíram sobre os Mucker, um deles era que a líder Jacobina era vista como Cristo Mulher, o que fez a Igreja fortalecer sua posição contrária considerando-a uma herege. Esse fator também ajudou a fomentar as perseguições e as injúrias como nos salienta Fernandes.

Segundo Fernandes, a afirmação, jamais comprovada, de que Jacobina era “Cristo Mulher”, uniu facções antagônicas, alimentadas pela fofoca, pelas pregações e por matérias jornalísticas, culminando no massacre dos colonos do Ferrabraz. (FERNANDES, 2005, p. 76).

Segundo Amado (2002), as autoridades locais sempre assumiram atitude contrária aos Mucker e não defenderam seus direitos quando estes foram atacados e humilhados. Além disso, foram responsáveis por diversas arbitrariedades contra eles, além de tentarem macular sua reputação diante das autoridades civis da Província. Estas, por sua vez, demonstraram, inicialmente, maior neutralidade diante dos fatos, não lhes atribuindo importância excessiva e buscando sempre conciliar as partes. Colocaram-se, inclusive, contra as atitudes da polícia local, como no caso da prisão dos trinta e três Mucker, libertando-os.

Tempo depois, autoridades intimaram Maurer para depor, esse ao não comparecer teve a sua prisão decretada. Maurer foi preso juntamente com alguns membros do grupo e, dias após, Jacobina também foi levada para São Leopoldo. Da cidade em questão foram levados para Porto Alegre, onde Maurer foi preso e Jacobina internada na Santa Casa, mas devido à falta de provas que os incriminassem, foram liberados.

No decorrer dos dias, as autoridades voltaram a investir contra os Mucker, dessa vez achando alguns armamentos nas casas de seguidores de Jacobina. Esse fato, juntamente com o desaparecimento e a morte de um opositor do grupo chamado Jacob Kramer, o suicídio de Pedro Hirt e o ataque ao inspetor Lehn, acabaram por aumentar a tensão entre a população e o grupo de Jacobina, o que por sua vez gerou uma grande revolta da comunidade.

Moacyr Domingues nos assegura que, inicialmente, confrontos não faziam parte dos objetivos do Mucker, “nem Jacobina, nem seu marido, nem seus mais

ardorosos companheiros desejavam entrar em luta com pastores, padres, vizinhos. Queriam evitar o confronto: retraíam-se, evitavam o revide às provocações” (DOMINGUES, 1977, p. 136).

Com essa afirmação, notamos que os Mucker não procuravam um conflito, no entanto, o grupo não teve outra alternativa a não ser começar a se armar e arrumar meios de se proteger. No ano de 1873, ocorreu a queda de um meteorito e Jacobina, em meio ao espanto de todos, anunciou o fim dos tempos. A partir desse momento, Jacobina passou à frente na liderança, sendo “identificada com a revelação divina” (AMADO, 2002, p. 229).

Uma viagem de Maurer ao Rio de Janeiro acabou por acarretar na diminuição da importância do mesmo no grupo, ele passou a ser considerado fraco e foi substituído na sua função de ouvidor das revelações de Jacobina por Rodolfo Sehn. Esse fato foi interpretado como adultério. Janaína Amado (2002) defende a ideia de que não há comprovação do adultério e que ele provavelmente não ocorreu, tendo sido a calúnia difundida pelos padres jesuítas e pelos pastores. Por sua vez, Maria Amélia Schmidt Dickie (1996) defende que acusações de cunho sexual eram comuns contra movimentos de dissidência religiosa.

O clima fica ainda mais tenso após o assassinato de Jorge Haubert (homem da confiança de Jacobina) e a morte da família de Martinho Kassel, ambos os crimes recaindo acusações sobre os Mucker, o que causou pânico entre a população e os opositores do grupo. Sobre esse contexto de ataques e acusações, Fernandes nos aponta:

Foram vários atentados e acusações sem que os moradores e seguidores do Ferrabraz se manifestassem. Os Mucker se mantiveram fechados na sua comunidade sem revidar a nada até o momento da Chacina da Família Cassel, quando percebem que não há mais condições de ficar calado e que se fazia necessário revidar porque então seriam mortos. Atacam comerciantes, autoridades locais, vizinhos atuantes no momento do abaixo-assinado ou nos ataques, sejam parentes ou não. Esses ataques foram de extrema violência. Ela se aplica diante de uma repressão de vários anos em que procurando por meios legais a sua defesa, os Mucker não o conseguem e extravasam o ódio contido por tanta injustiça. (FERNANDES, 2005, p. 90).

Percebemos, com essa afirmação, que o clima estava totalmente hostil no Ferrabraz, sendo assim, para amenizar a situação, o chefe de polícia Abílio Álvaro Martins e Castro foi mandado a São Leopoldo, acompanhado de dez praças da Cavalaria da força policial, com o objetivo de descobrir os culpados, porém, não

obteve sucesso. Dias depois, houve mútuos ataques, muito violentos, o que fez o Cel. Genuíno Sampaio denunciar os Mucker, bem como receber sob seu comando tropas militares.

Ao primeiro ataque contra os Mucker, em 28 de junho de 1874, Genuíno Sampaio e seus homens bateram em retirada, aumentando a agitação em toda a região. Em um segundo momento, em 19 de julho de 1874, após uma reorganização das forças militares, agora contando com 500 homens, entre eles soldados (muitos deles participantes da Guerra do Paraguai), populares, entre outros, as tropas de Sampaio juntaram-se às forças do capitão Santiago Dantas para, então, lançarem um ataque massivo contra os Mucker, quando casas foram incendiadas, saqueadas, e homens, mulheres e crianças mortas.

Apesar do incisivo ataque, vários Mucker conseguiram escapar, inclusive Jacobina e, em outra ocasião, em troca de tiros, o Cel. Genuíno Sampaio acabou sendo atingido e falecendo tempo depois. Após a morte de Sampaio, Santiago Dantas comandou um novo ataque, direcionado pela denúncia de Carlos Luppa, um ex-mucker. Esse ataque se deu em 2 de agosto de 1874, quando todos os sobreviventes foram mortos pelas tropas. João Maurer conseguiu fugir, mas foi encontrado morto meses depois.

Dessa forma, então, se deu o “final” desse episódio, que ainda gera muitos debates e reflexões, reafirmando mais uma vez sua complexibilidade e significância para a história da colonização alemã no sul do Brasil.

O movimento Mucker marcou toda a região de sua eclosão, bem como todo o estado do Rio Grande do Sul, fato que também ocorreu no interior da Bahia, onde eclodiu um movimento de mesmo cunho, o Movimento de Canudos.

3.2 O Movimento de Canudos

Figura 2 – Mapa com a localização do conflito de Canudos



Fonte: Disponível em <<http://cardapiopedagogico.blogspot.com.br/2013/05/roda-de-leitura-e-conversa-guerra-de.html>> Acesso em 09 nov. 2016.

Inicialmente, assim como no movimento Mucker, vamos fazer uma pequena apresentação do movimento. A Guerra de Canudos, também conhecida como insurreição de Canudos, foi um conflito que ocorreu no interior do estado da Bahia, no Brasil, e eclodiu no período de 1896 e 1897. Esse episódio se caracterizou pelo conflito entre um movimento popular e o Exército da República.

De forma geral, o episódio foi desencadeado devido à situação que a Bahia se encontrava⁵³, pois passava por graves crises econômicas e sociais na época, fazendo os humildes habitantes do sertão se mobilizarem ao lado de Antônio Vicente Mendes Maciel, conhecido como Antônio Conselheiro, para formarem um grupo de cunho messiânico, que, ao ser visado, acabou por dar margem para um dos episódios mais significantes dos primeiros anos da república.

Os primeiros anos da república do Brasil foram marcados por extremas indefinições e agitações e vários conflitos fizeram parte desse contexto. No Sul, em 1893, teria início a Revolução federalista⁵⁴. No mesmo ano, no Rio de Janeiro, eclodiria uma rebelião na Marinha e ao norte, em torno da figura do Padre Cícero

⁵³ Para saber mais sobre a situação da Bahia nesse período, consultar a seguinte obra: DANTAS, S. de Souza. **Aspectos e Contrastes: ligeiro estudo sobre o sertão da Bahia**. Rio de Janeiro. Tip. Ver. dos Tribunais, 1922.

⁵⁴ **Revolução Federalista**: Conflito político ocorrido no Rio Grande do Sul entre os anos de 1893 e 1895. Nesse conflito dois grupos entraram em disputa: Chimangos e Maragatos.

Romão Batista, um movimento em Juazeiro aliaria conteúdos religiosos e reivindicações de ordem social. (LACERDA 1997, p. 21). Uma das características do projeto republicano era descentralizar a administração, o que, de certa forma, causou um federalismo⁵⁵ e uma competição entre os estados, mas foi no governo de Prudente de Moraes que os eventos em Canudos ocorreram.

Segundo Lacerda (1997, p. 22), a Bahia havia sido um dos estados mais prejudicados com todas as mudanças pelas quais passava o Brasil. Ele nos aponta, também, que o estado estava ressentido devido a todo atraso em seu desenvolvimento, de sua lenta caminhada econômica, de seu alto índice populacional e de seu alto índice de violência.

Observando os aspectos citados, percebemos que a Bahia vivia um momento de estagnação e medo, e as novas operações políticas acabaram por criar divisões bem acentuadas nas elites baianas, o que causou movimentações diferenciadas e, como complemento, o período em questão foi marcado por uma seca que abalou toda a economia açucareira baiana. Esse sertão árido e de incertezas sociais e políticas foi o palco do movimento em questão, girando em torno de Antônio Conselheiro.

Antônio Conselheiro peregrinou pelo sertão, construindo igrejas e cemitérios, ensinou a palavra de Deus e o caminho para o céu e se transformou em uma esperança para “o sertanejo” pobre, ignorado, oprimido e marginalizado. Começa a ser seguido por uma multidão, composta por trabalhadores rurais, sem posses, escravos, velhos, mulheres e crianças. (NETO, S.D) “A grande massa humana provinha de pontos próximos ou distanciados dos sertões nordestinos”. (CALASANS,1973, p.468).

De acordo com as palavras acima, notamos como se desenhava a figura de Conselheiro para a população da região, os quais acreditavam que ele realmente poderia libertá-los da situação de extrema pobreza e de todos os males que os assolavam.

No início, Canudos era uma pequena aldeia, surgida por volta do século XVIII, e a mesma passou a crescer com a chegada de Antônio Conselheiro, em 1893, e anos mais tarde chegou a possuir por volta de 25 mil habitantes. Mais tarde, o local

⁵⁵ **Federalismo:** Sistema político que consiste na associação de vários Estados (Unidades Federativas) numa Federação. Disponível em: <<http://rasacunhoacademico.blogspot.com.br/2011/05/federalismo.html>>. Acesso em 09 nov. 2016.

ficaria conhecido como Belo Monte. Esse local recebia pessoas de muitas localidades, sobretudo onde Conselheiro havia feito suas peregrinações.

Os grupos de adeptos que surgiam todos os dias de diversos lugares por onde peregrinara durante mais de 20 anos, o santo Conselheiro... Pessoas de recursos, que vendiam sua terra e seu gado. Homens e mulheres paupérrimas. Índios do aldeamento de Miranda e Rodelas..., pretos libertos pela lei áurea... Doentes mentais, aleijados, incapacitados que viviam de esmolas do Bom Jesus e esperavam seus milagres. (CALASANS, 2001, p.465-466).

Dessa forma, fica claro que estava se formando o aglomerado social que faria parte do conflito, buscando em Conselheiro e na religiosidade que pairava em torno do mesmo um apoio para suas dificuldades, fazendo desse movimento uma união entre a fé e a busca de melhorias para suas vidas.

Inicialmente, em Canudos, os habitantes não contestavam o regime republicano que há pouco fora adotado, a não ser algumas mobilizações sobre os impostos cobrados, que no período foram municipalizados. Essa nova cidade independente passou a incomodar algumas camadas sociais da Bahia, que, com apoio da imprensa e do clero, passaram a acusar os moradores de Canudos; acusações estas que logo ganharam apoio da opinião pública.

Com as acusações e com o apoio público, logo começou a surgir em torno de Conselheiro e de seus adeptos uma imagem de anti-republicanos, querendo restaurar a monarquia no país. Isso, de certa forma, deu uma justificativa para o início do conflito.

A primeira reação oficial do governo da Bahia se deu em outubro de 1896, tomada após uma apelação das autoridades de Juazeiro em busca de uma solução. O governo, nesse primeiro momento, mandou contra o arraial de Conselheiro um grupo de cem praças, liderados pelo tenente Manuel da Silva Pires Ferreira. Esses soldados foram surpreendidos em Uauá por um grupo de conselheiristas,⁵⁶ que fizeram os policiais de Ferreira saírem em retirada. Após esse episódio, Canudos começou a se fortificar e a crescer. Iniciava-se a guerra.

O arraial de Canudos surpreendia por causa de seu crescimento. Após iniciada a guerra, em três semanas este aumentara de modo extraordinário. Como nos primeiros tempos da fundação a todo momento apontavam grupos de peregrinos em demanda de paragens lendárias. Dentre os que

⁵⁶ **Conselheiristas:** Seguidores do líder Antônio Conselheiro.

seguiram para Canudos em busca do alento das prédicas do Bom Conselheiro, registrava um grande número de mulheres. (BRAGA, 2011, p.4)

Ao nos depararmos com movimentos dessa magnitude, não podemos deixar de lado a imagem da mulher no decorrer dos fatos, e a citação acima nos mostra sua presença nesse contexto. Em seu artigo intitulado “Canudos: uma guerra, muitas mulheres”, Braga (2011) justamente nos mostra uma análise sobre a presença, participação e importância da mulher nesse conflito.

Dando continuidade ao conflito, em janeiro de 1897, aconteceu uma segunda expedição militar contra Canudos, comandada pelo major Febrônio de Brito, a qual também não alcançou o objetivo, tendo tido várias baixas nas mãos dos grupos de Conselheiro.

Esse fato agitou a capital do país e, a partir daí, o governo federal assume a repressão ao movimento, e a primeira expedição a nível federal fica no comando do coronel Antônio Moreira César. A decisão federal também exaltou ânimos no sertão, e grande número de pessoas começaram a chegar para ajudar Conselheiro em sua luta. Essa expedição terminou com Antônio Moreira César mortalmente ferido e o comando passado para o coronel Pedro Nunes Batista, que, com o abalo da expedição, foi obrigado a retroceder.

A derrota teve grande repercussão na capital do país, visto que, para muitos, Conselheiro queria acabar com a república, e isso fez com o que o governo armasse em abril de 1897 um último ataque massivo contra o grupo. Nesse último ataque, as forças republicanas já estavam mais equipadas e organizadas e criaram um cerco sobre Canudos, fato que abriu espaço para a vitória republicana. Após muitas batalhas e baixas de ambos os lados, Conselheiro foi morto, logo após integrantes do grupo foram entregues as tropas. O arraial resistiu por mais alguns dias, e após a morte de seus principais defensores o mesmo foi tomado, incendiado e todos os envolvidos no movimento mortos.

Outro exemplo de movimento messiânico com raízes sociais ocorreu em Santa Catarina, mais precisamente na divisa entre esse Estado e o Paraná, e o conflito se deu devido a uma disputa de terra conhecida como Contestado. Vamos conhecer esse último movimento antes de adentrarmos ao movimento foco do trabalho.

3.3 O Movimento do Contestado

Figura 3 – Mapa com a localização da área contestada e região da guerra



Fonte: Disponível em <<http://www.estudopratico.com.br/guerra-do-contestado-causas-consequencias-e-imagens/>>. Acesso em 10 nov. 2016.

O conflito teve seu início em 22 de outubro de 1912 e seu final em 1916, tendo como base de disputa uma área conhecida como Contestado, localizada entre os estados do Paraná e Santa Catarina. Vamos, de forma rápida, conhecer o movimento.

O movimento se baseou na luta camponesa pela posse de terra. Os caboclos⁵⁷ da região estavam descontentes com os governos estaduais, que promoviam uma concentração de terra em benefício de poucos fazendeiros, também havia o descontentamento com o governo federal, que concedeu uma extensa área de terras para uma empresa Americana construir um trecho da Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande, que ligava o sul com o sudeste do Brasil. Semelhante aos movimentos mostrados nas páginas anteriores, esse também tinha como centro unificador um líder, conhecido como “messias” ou “monge”.

⁵⁷ **Caboclos:** Trabalhador Livre que vive em terra pública; Mestiço; pobres e ignorados; Quando o sertanejo chega pela primeira vez num lugar, tratando-se de floresta (matas do leste, centro-oeste e norte) ele leva, em geral, o nome “caboclo”; Fonte: MARTINI, Maria Luiza. “Tatu, Caboclo, Gaúcho a Pé” In: História Geral do Rio Grande do Sul Volume 2. Império. Passo Fundo: Méritos, 2006, pp. 155-185.

Esse monge tinha como nome José Maria, e começou a atrair camponeses para seus contestados, que nada mais eram que povoados com autoridade própria e igualdade social. Então, espalhou-se a ideia de que José Maria buscava desfrutar do governo e da ordem da região ignorando as ordens do sistema vigente em benefício próprio. Esse fato fez o governo acusar José Maria de inimigo da república.

Com a intervenção do governo federal, o grupo foi reprimido de forma violenta pela guarda armada do governo federal. Essa guerra englobou milhares de pessoas, gerando, assim, um dos maiores conflitos sociais do país.

Podemos começar salientando que o coronelismo⁵⁸ exerceu influência decisiva na revolta da população local.

O coronelismo teve seu início no período regencial do Brasil. Nesse período, grandes fazendeiros passaram a comprar títulos de coronéis e a ter autorização do governo para que possuíssem pessoal armado a fim de manterem a ordem pública de suas localidades, e o mesmo ocorria na região do conflito.

[...] Chefe municipal de prestígio e a ele cabia todo poder decisório ao nível do município: econômico, político, judicial, policial. De “fuga de moça” a crime de assassinato, o ônus da culpa, a seriedade do julgamento, ou a certeza da impunidade, tudo dependia do Coronel. (TREVISAN, 1982, p.24).

Nesse contexto então, notamos que o governo era representado pelos coronéis, responsáveis pelos mais diversos aspectos da sociedade e, segundo Machado, os que possuíam a mais alta patente concedida pela guarda nacional.

O coronelismo é caracterizado pelos historiadores e demais cientistas sociais como um fenômeno político essencialmente ligado ao período da Primeira república (1889-1930). Mas podemos considerar que esta prática política - que expressou o poder local dos grandes fazendeiros - vigorou em muitas regiões do país, tanto antes da República como muito após a chamada Revolução de 1930. Derivada do termo “coronel”, a mais alta patente concedida pela Guarda Nacional, o coronelismo, ou poder local dos grandes proprietários rurais e comerciantes, encontrou no primeiro sistema político republicano amplas condições de autonomia, adequadas ao exercício de mando local e regional, até mesmo como base para as situações (e oposições) políticas estaduais. (MACHADO, 2004, p.90).

Percebemos, então, essa influência dos coronéis na política brasileira, agindo conforme seus interesses e necessidades e, na Guerra do contestado, a expulsão

⁵⁸ **Coronelismo:** Prática sócio/política onde o poder de determinados locais ficava nas mãos de coronéis.

dos caboclos contou com a participação política desses coronéis, que, além de verem os mesmos como um empecilho para as expansões de suas terras, os consideravam apenas dignos de trabalhos braçais.

Após a expulsão dessas terras, os caboclos passaram a viver em acampamentos sob a liderança de José Maria, que, como já foi dito, era visto como um monge, um salvador e um novo Cristo, que salvaria o direito desses renegados a terra. Percebemos que grande número de messias ou indivíduos que se tornaram o centro de movimentos semelhantes foram médicos ou curadores e, ao salvarem vidas, por muito eram associados a salvadores de todos os homens.

Cabe notar que grande número de messias, ou indivíduos que se tornaram o centro de movimentos milenaristas, foram curadores ou médicos particularmente eficazes em sua missão. A um curador feliz não é difícil-amplificando-se as circunstâncias concretas- atribuir um poder absoluto sobre a vida e a morte. E assim como ele salva objetivamente a vida de numerosos indivíduos, por que não pode ser o *salvador* de todos os homens? (QUEIROZ, 1981, p. 77).

Com o questionamento de Queiroz, fica evidente como esses seguidores de forma convicta seguiam os líderes a fim de respostas sociais e espirituais, lembrando que esses moradores habitavam um contexto de graves problemas em suas bases sociais. Moravam em acampamentos, tendo como líder espiritual José Maria, mas logo foram expulsos também dessas terras, e essa repressão das tropas oficiais com a ajuda desses coronéis, não deixou outra alternativa para os caboclos a não ser a luta pela terra. Além da expulsão desses caboclos, tendo como base a violência, também existia uma imposição de valores alheios ao modo de vida do grupo, modo de vida que passou a incomodar as classes governantes.

No mês de novembro, ocorreu a batalha de Irani, na qual José Maria acabou falecendo, fortalecendo o cunho messiânico, pois a morte de Maria desencadeou de forma geral entre os seus seguidores uma crença em sua ressurreição, muito difundida e defendida, o que fez os sertanejos lutarem com mais fervor. Na volta dos seguidores ao estado de Santa Catarina, essa crença na ressurreição ficou mais forte, acreditavam que ele retornaria numa cidade Santa e se tornaria o novo Cristo.

Segundo Amador (2010), esse messianismo presente no Contestado é explicado quando levamos em conta a necessidade de um amparo espiritual, visto

que se tratava de um grupo com grande dificuldade material para uma guerra. Sobre isso, Maria Isaura Pereira de Queiroz diz:

[...] a expressão assumida pela guerra não podia ser outra, senão a que lhes era dada pelas imagens religiosas. A elevação do monge José Maria a um símbolo da salvação é plenamente justificável, pois o monge, que já havia sido eleito sucessor de João Maria, figura que veneravam como a um Deus, agora chegava ao extremo de morrer “por eles”. (QUEIROZ 1965, p.316).

Percebemos, então, que as raízes religiosas desses caboclos remontam ao primeiro monge chamado João Maria, que, segundo relatos orais, teria precedido e anunciando a eclosão do messianismo ainda no séc. XIX (QUEIROZ, 1981, p.49), lembrando que houve mais que um João Maria, sendo José Maria o terceiro monge da localidade.

Mas sobre o contexto do Contestado, existe um detalhe que não podemos esquecer. A disputa de territórios entre o Paraná e Santa Catarina teve início no ano de 1853 e essa questão de territórios só foi solucionada com o fim do conflito, em 1916. Em outras palavras, os interesses políticos de Paraná e Santa Catarina também se somaram às causas do conflito.

Após a morte de José Maria, os enfrentamentos com o exército se seguiram e, apesar da situação de precariedade por parte dos caboclos, os mesmos não se intimidaram perante o exército da república e os coronéis, visto que ao mesmo tempo que lutavam contra os soldados, enfrentavam os coronéis e as estruturas locais para defender as terras que habitavam.

Apesar de conseguirem resistir à guerra por um período de quatro anos, a população cabocla foi derrotada. Os números são contraditórios, mas estima-se perto de 20 mil mortos, um número muito elevado visto o contexto populacional da época.

Analisando os três movimentos apresentados, nos deparamos com algumas características em comum entre eles. Em se tratando dos movimentos de Canudos e Contestado⁵⁹, percebemos que ambos eclodiram nos primeiros anos após a Proclamação da República, ocorrida em 1889, tendo como pano de fundo graves crises econômicas, desemprego e fortalecimento do poder local por parte de poucos.

⁵⁹ Para saber mais sobre Canudos e Contestado, consultar a obra: MONTEIRO, Douglas Teixeira. Um confronto entre Juazeiro, Canudos e Contestado. In: **História Geral da Civilização Brasileira**. Rio de Janeiro. (S.D).

Visto isso, podemos perceber que ambos tiveram como uma de suas bases disputas de territórios e que tanto um quanto o outro se fortaleceu ao redor de um líder, o que fez com que os grupos fossem incompreendidos, vistos como fanáticos e uma ameaça à ordem.

Por sua vez, o Movimento Mucker, apesar de ter ocorrido durante o período imperial, também carrega algumas características presentes nos outros conflitos, tais como fortalecimento em volta de uma líder, questões de incompreensão devido ao seu modo de vida, acusação de serem uma ameaça ao sistema da época, entre outros. Essas características fazem desses movimentos, assim como o dos Monges Barbudos, movimentos sociais/religiosos que, ao assumirem posturas não toleradas em suas épocas, acabam por ser perseguidos, acusados e repelidos de forma dura perante os governos vigentes.

4 O MOVIMENTO MESSIÂNICO DOS MONGES BARBUDOS NO RIO GRANDE DO SUL: UMA REVISÃO DA LITERATURA

O movimento dos Monges Barbudos, assim como o movimento dos Mucker, Contestado e Canudos, apresentados anteriormente, englobou vários aspectos, mas principalmente aspectos religiosos e sociais e, no contexto em que o Brasil e o Rio Grande do Sul estavam inseridos, a conduta social da época acabou por criminalizá-los de forma que o ocorrido acabou por se tornar um dos mais importantes do estado.

Para nossa revisão, buscaremos apoio em algumas obras sobre o tema, entre elas: “Do sagrado à Heresia: O caso dos Monges Barbudos” e “Religião e religiosidade: O caso dos Monges Barbudos”, ambas de Fabian Filatow; as obras “Igreja Católica e o Movimento dos Monges Barbudos” e “Cultura e religiosidade Cabocla: Movimento dos Monges Barbudos no Rio Grande do Sul-1938”, de Henrique Kujawa; “Monges Barbudos e o Massacre no Fundão”, de André Pereira e Carlos Wagner; “A chave do céu e a porta para o inferno: Os Monges Barbudos de Soledade e Sobradinho”, de Maria da Glória Lopes Kopp; o artigo de Mário Maestri “Os Monges Barbudos esperam desculpas”; a obra “Vítimas do movimento Monges Barbudos: história de amor, fé, perseguição e morte (Soledade RS, 1938)”, de Valdemar Motta; e a obra “Soledade das Sesmarias, dos Monges Barbudos e das pedras preciosas”, de Valdemar Cirilo Verdi. Todas as obras analisadas buscam, de uma forma geral, apresentar características principais do movimento, bem como contexto, personagens e desfecho. Além das obras citadas, recorreremos também a artigos publicados em anais de congressos e em diferentes publicações acadêmicas divulgadas em diferentes veículos de comunicação.

Antes de adentrarmos em nossa revisão, vamos relembrar de forma rápida o contexto nacional e estadual para a eclosão do episódio.

Na década do episódio foco de estudo, o Brasil estava na chamada Era Vargas, período em que o poder estava nas mãos de Getúlio Vargas, que mudou de forma gradativa todas estruturas políticas do país após assumir o governo e, no ano do início da repressão aos monges Barbudos, em 1938, o Brasil havia acabado de entrar no chamado Estado Novo, no qual Getúlio Vargas buscou de todas as formas criar uma identidade nacional no Brasil, dessa forma criando uma linearidade entre todos os aspectos da sociedade.

Uma das soluções propostas era a do controle social através da presença de um Estado forte comandado por um líder carismático, capaz de conduzir as massas no caminho da ordem. Essa política foi adotada em alguns países europeus, assumindo características específicas em cada um deles. (CAPELATO, 2003, p. 109).

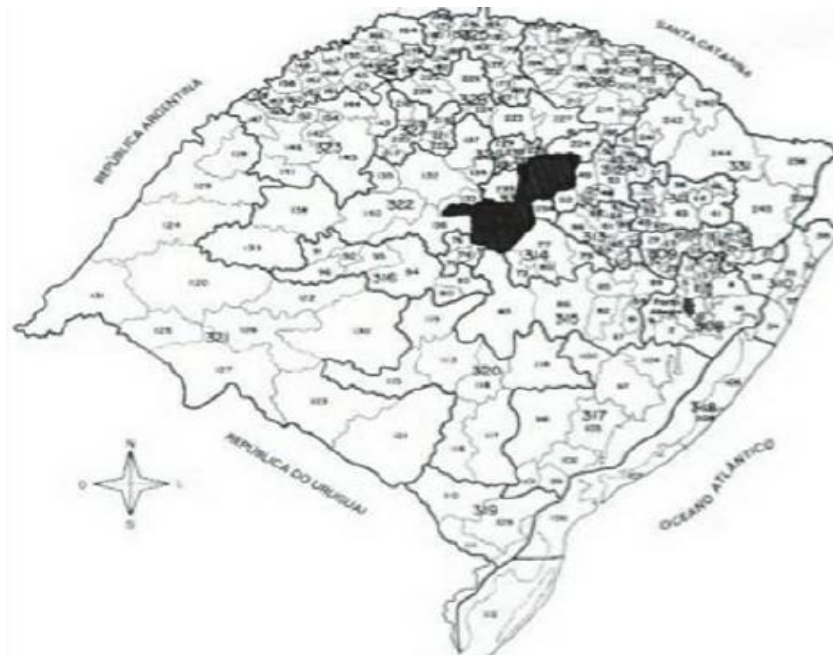
Capelato nos mostra que Vargas estava assumindo exemplos apresentados no continente europeu, sendo maior parte deles de cunho ditatoriais, reprimendo qualquer movimento em nome de uma nova ordem.

A influência dessa política no estado não foi diferente, visto que a ideia de Vargas era uma nacionalização e uma conduta social homogênea. Dessa forma, a política da época foi de repressão a todo e qualquer movimento que colocasse em risco essa nova forma de sociedade. Dito isso, percebemos o pano de fundo para a eclosão do movimento dos Monges Barbudos, pano que continha repressão, não entendimento e perseguição a qualquer movimento que colocasse em risco a nacionalização desejada.

Dessa forma, buscaremos nesse capítulo final uma revisão bibliográfica acima de alguns materiais já produzidos sobre o movimento. Já conhecemos o contexto brasileiro e gaúcho do período em questão (os mesmos apresentados de forma mais detalhada no 1º capítulo), sendo assim, fica evidente a necessidade de também apresentar uma breve contextualização da região do ocorrido, bem como uma rápida apresentação do movimento, facilitando, assim, o diálogo entre as obras a serem analisadas.

4.1 Soledade: região do ocorrido

Figura 4 – Mapa com a localização da região onde ocorreu o movimento Monges Barbudos



Fonte: KUJAWA (2001, p. 48).

No mapa acima, está destacada a localização onde eclodiu o movimento de análise, o movimento dos Monges Barbudos. O mesmo se desencadeou no noroeste do Rio Grande do Sul, região de Soledade, na Comunidade de Bela Vista para sermos mais precisos, entre os anos de 1935-1938.

A região de Soledade fora ocupada inicialmente por redução Jesuítica⁶⁰ e, em seguida, por estancieiros que cuidavam de gado e pessoas ligadas à extração de erva mate e madeira. Igualmente a outras cidades da região, Soledade contou com a grande presença de caboclos, que, ignorando métodos formais de posses, passaram a ocupar terras e ali através da extração, lavouras e contando com o que mais a natureza oferecia, passaram a tirar o necessário para sua sobrevivência.

Sobre a presença de jesuítas, da extração e do trabalho com a terra, Martini nos aponta:

Passo Fundo, sob domínio dos jesuítas, era parte do governo de São João Batista das Missões, tendo *gentios*, não reduzidos, por cercania. Ali estavam largos e densos ervais. Na serra do Botucaraí, outros mais, onde Saldanha encontrou missioneiros em plena atividade ervateira a uma distância de aproximadamente 5 km de onde fica hoje a praça Marechal

⁶⁰ **Redução Jesuítica:** Aldeamentos indígenas administrados por padres Jesuítas.

Floriano, (Soledade). Propôs a colocação de marcos no lugar. Os espanhóis recusaram, tratando de guardar os ervais. (MARTINI, 2006, p.160).

No início do século XX, vários europeus ocuparam a região, sendo a maioria italianos. Esses imigrantes vinham em busca de novas terras para o cultivo, que passaram a receber novas atividades econômicas, entre elas uma muito difundida na região: o fumo. Com essa nova etapa, as terras passaram a ter outro significado e isso acarretou em uma mudança na vida dos caboclos que ali estavam instalados.

Os caboclos que viviam em pequenos lotes, em terras de propriedade de fazendeiro ou mesmo em terras consideradas devolutas e, portanto, de propriedade do estado, passam a disputar a terra com os descendentes de imigrantes que atribuíam outro significado para as terras, seja do ponto de vista cultural (entendendo-as como elemento constitutivo de devir), seja do ponto de vista econômico, uma vez que estavam acostumados a atribuir valor econômico e até especular com a mesma. E, assim, os caboclos se deparam com um novo contexto que desprezava o seu *modus vivendi*⁶¹, suas atividades de subsistência e, ao mesmo tempo, são compelidos a viver em áreas cada vez menores ou, até mesmo, obrigando-os a migrar para regiões mais longínquas, em áreas de menor interesse comercial. (KUJAWA, 2001, p. 54)

Com a afirmação acima, percebemos mudanças no contexto econômico territorial e social da região, fora isso, temos alguns aspectos complexos relacionados à política que não podemos deixar passar sem uma devida atenção. A região de Soledade sempre foi palco de intensos conflitos que permearam o Rio Grande do Sul desde o final do século XIX e início do século XX, conflitos tais como a Revolução Federalista (1892-1894) e a Reforma Constitucionalista de 1923.

Além de todo esse histórico, com a implantação do Estado Novo de 1937, várias medidas autoritárias foram tomadas e tinham o objetivo de constituir um projeto nacional através do controle de vários meios, entre eles o controle da liberdade de expressão, política e cultural. Dessa forma, esse novo cenário político não tinha tolerâncias para qualquer manifestação que colocasse em risco a ordem desejada. É nesse contexto que se desenrola o Movimento dos Monges Barbudos, em que, de um lado, vemos caboclos com suas crenças religiosas buscando uma identidade através de seus costumes, e de outro, o Estado vinculado ao catolicismo oficial do novo regime. Esse é o palco do movimento a ser analisado.

⁶¹ **Modus Vivendi:** Palavra com origem no Latim e significa “seu modo de viver”; Disponível em <http://www.dicionariodelatim.com.br/modus-vivendi/> Acesso em 13 nov. 2016.

4.2 Os Monges Barbudos: sua origem

Em se tratando do movimento dos Monges Barbudos, poucas divergências foram encontradas nas obras analisadas. Dessa forma, primeiramente, a fim de termos uma ideia geral acerca do movimento, faremos uma breve apresentação do episódio baseado nas informações recolhidas nas análises.

Não existe uma data precisa para o início do movimento, mas uma das datações mais aceitas nos remete à Primavera de 1935, quando um morador da região de nome André Ferreira França, o Deca França, teria recebido o monge João Maria em sua casa. Este, ao pedir e receber pouso, repassou ao dono da casa muitos ensinamentos e, ao ir embora, reforçou a importância do anfitrião se tornar um líder e mobilizar toda a comunidade a praticar os ensinamentos a ele passados. Entre os ensinamentos, estava a necessidade de preservação da natureza, o respeito aos mais velhos, aos animais, usos de chá para prevenir doenças e devoção a Santa Teresa e São Francisco de Assis.

Deca, apesar de receoso com a nova situação, assume o papel que lhe fora incumbido pelo Monge e, para sua jornada, ele recebe ajuda de algumas pessoas, que passaram a fazer grande destaque dentro do movimento sendo as principais figuras Anastácio Desidério Fiuza, conhecido como Tácio, por Andreza Gonçalves, esta considerada representante de Santa Catarina e por Idarcina da Costa, tida como Santa Terezinha.

O movimento por alguns anos se propagou na região e eles realizavam novenas nas casas, divulgando os ensinamentos do Monge João Maria e seus membros passaram a ser reconhecidos pelo uso da barba comprida, fato que resultou na denominação Monges Barbudos. A casa de Deca se tornou um ponto de encontro, ali o mesmo pregava, repassava os ensinamentos e fazia batismos, necessários para todos que quisessem fazer parte do movimento.

Durante esse tempo, o movimento transcorreu de forma tranquila, sem maiores transtornos, fato que mudou na Semana Santa de 1938, quando se iniciou uma mobilização na Igreja de Bela Vista, que tinha como padroeira Santa Catarina. A mobilização se dava devido à informação de que o Monge João Maria iria aparecer na Igreja e espalhar seus ensinamentos. Na Sexta-feira Santa do mesmo ano, um grande número de pessoas reuniu-se na Igreja para rezar e fazer vigília à

espera do Monge. Esse fato desagradou pessoas não adeptas ao movimento, que, sentindo-se ameaçados, pediram soluções para as autoridades.

As autoridades, ao chegarem ao local, sem saber ao certo a motivação do aglomerado, dispararam alguns tiros a fim de dispersar os vigilantes, mas os mesmos se mantiveram imóveis. Vendo que a atitude inicial não surtira efeito, os policiais atiraram contra a Igreja e contra as pessoas, deixando várias pessoas feridas e várias mortas, entre os mortos Tácio Fiuza, ajudante de Deca.

O velório de Tácio durou três dias e aconteceu em um lugar conhecido como Rincão dos Barnabés. Tal velório provocou mais uma aglomeração, o que resultou em mais uma ofensiva da Polícia Militar, que teria provocado mais mortes e a prisão de 104 pessoas. Os presos foram levados para a cidade de Jacuizinho e lá foram interrogados. Após interrogatórios, alguns foram liberados e outros encaminhados para Soledade.

Como o principal líder não havia sido morto nem capturado, a polícia permaneceu na região, fazendo investigações e, enquanto buscava por Deca, a polícia seguiu os adeptos do grupo, que eram ameaçados e obrigados a cortarem a barba, símbolo do grupo. Após tempo de buscas, Deca resolve se entregar às autoridades e sofre uma execução sumária.

4.3 Uma Revisão sobre os Monges Barbudos

Boa parte da historiografia referente ao tema, relatos orais analisados pelos autores presentes nas linhas abaixo, materiais de imprensa, documentos da Igreja, entre outros, remetem ao ano de 1935, o início do movimento, juntamente com uma figura enigmática conhecida como Monge João Maria. Por volta de 1935, teria passado por Soledade um monge, profetizando o início de uma nova religião. Esse profeta, como ficou conhecido na região, teria pernoitado na casa de André Ferreira França, conhecido como Deca. (VERDI, 1987, p. 93). Sobre esse aspecto, Motta nos diz:

O movimento teve início quando um peregrino cansado de sua viagem pediu pouso na casa de André Ferreira França, agricultor, analfabeto morador da localidade de Campestre próximo de Vila Bela Vista no interior de Soledade. Era comum nessa época, os viajantes pernoitarem na casa de um estranho para no outro dia seguirem viagem. (MOTTA, S.D, p. 2).

Em troca da hospitalidade do colono morador do lugar, chamado Campestre, o andarilho ensinou-lhe a arte das ervas. Teria lhe ensinado, também, outras utilidades da natureza, chamando a atenção para a nobreza do sol, dos rios e da lua. Alertou André Ferreira França dos males do fumo plantado pelos colonos e guardado para secar dentro das casas. (PEREIRA, 1981, p. 37). Verdi afirma:

Era o mês de novembro de 1935. Um andarilho pernitoou na casa de André Ferreira França. Em troca da hospitalidade, o andarilho ensinou-lhe a arte e o segredo das ervas medicinais [...] tendo permanecido breve temporada, ao final das lições e ensinamentos, o andarilho apresentou-se como João Maria, ou o santo Monge João Maria, [...] assegurou que Deca França havia sido escolhido para uma missão divina. Deveria escolher uns amigos para fundar uma seita de eleitos. (VERDI, 1987, p.93).

Nessa época, o pequeno lugarejo distante dos principais centros urbanos na região era de um abandono total, com dificuldade de acesso à educação, saúde, estradas feitas a picaretas e também por conflitos no município de Soledade com moradores, o padre teria se ausentado da cidade. A passagem do Monge, para alguns, seria um sinal de um enviado de Deus, para salvar e tirar o povo da miséria e a exploração a que eram submetidos pelos comerciantes da região. “[...] Distantes dos centros urbanos, abandonados pelas autoridades, sem escolas e sem estradas sentiram-se marginalizados. [...]” (VERDI, 1987, p. 148).

Percebemos, de acordo com as citações acima, que o início do movimento girava em torno de uma figura que ficou conhecida como Monge João Maria, fato que é reafirmado em obras mais recentes, como mostra Kopp nas linhas a seguir.

Os protagonistas do movimento dos monges barbudos eram trabalhadores rurais que defendiam uma religiosidade associada a práticas de cura com ervas medicinais e a princípios de vivência comunitária pacífica e de valorização da natureza. Eles tiveram como inspiração um enigmático andarilho identificado como profeta São João Maria. (KOPP, 2014, p.81).

Filatow (2012) corrobora essa ideia ao dizer que:

[...] entre os anos de 1935 e 1938 um grupo de camponeses se reunia sob orientações religiosas. O local se encontrava entre os municípios de Soledade e Sobradinho. O início do grupo é incerto, tendo na figura do taumaturgo monge João Maria sua origem. (FILATOW, 2012, p.124)

Filatow não só confirma as ideias apresentadas acima como a complementa, afirmando que o início do movimento teria ocorrido após o Santo monge ter instruído André Ferreira França a fundar uma nova religião. (FILATOW, 2002, p.124).

Partindo das observações feitas pelos autores citados acima e analisando outros autores, tais como Kujawa (2012), Maestri (S.D) e Pereira (1981), percebemos que a ideia central para o início do movimento paira em torno do Monge João Maria. Ele teria vindo para trazer um amparo para essa comunidade carente e, após passar alguns ensinamentos a Deca, atribuiu-lhe a missão de se tornar um líder para sua comunidade, devendo reunir amigos para ajudá-lo a espalhar os ensinamentos a ele revelados.

Segundo Pereira (1981), Verdi (1987), Kopp (2014) e Filatow (2002;2012), para sua missão, Deca passou a contar com ajudantes, sendo os principais Anastácio Desidério Fiuza, conhecido como Tácio Fiuza, por Andreza Gonçalves, considerada representante de Santa Catarina, e por Idarcina da Costa, vista como Santa Terezinha.

4.4 O Personagem João Maria

O início do Movimento dos Monges Barbudos está, invariavelmente, associado à aparição do monge João Maria na região rural de Soledade e Sobradinho. Em 1935, ele teria ensinado André Ferreira França a utilizar ervas medicinais, a realizar curas com a mantinha “sagrada”, pregando o juízo final e a remissão dos escolhidos. (KOPP, 2014 p. 221).

Kopp (2014) mostra a visão popular acerca do Monge, sendo ele uma pessoa pequena, barbas brancas e andar curvado, pessoa que aparecia quando menos se esperava, atravessava rios e deixava os jovens intrigados e, quando questionado, por muito ouviam-se respostas evasivas. Muitos acreditavam que ele havia morrido e ressuscitado diversas vezes.

A abordagem desses aspectos do *monge* João Maria possibilitou que os moradores da região afirmassem crenças sobrenaturais como a superação da morte e a incorporação de espíritos a outras formas corporais. Assim, acreditavam ser João Maria um espírito na forma de “uma pessoa bem “veinha”. Caminhava “bem devagarzinho, assim curvadito, os [ombro] curvado, curvado”. (KOPP, 2014 p. 223).

Em contraste com essa visão, outras informações sobre João Maria nos remetem sempre a um monge que teria aparecido em vários lugares e em épocas diferentes, inclusive em outro episódio referente a monges, episódio conhecido como “Os Monges de Pinheirinhos⁶²”, ocorrido em 1902, no interior da região de Estrela, hoje Encantado. (PEREIRA, 1981, p.70).

Este personagem teria estado na região em outros momentos. O primeiro registro de sua aparição seria entre 1891-1893, durante a chamada Revolução Federalista. Posteriormente, uma fotografia – semelhante a que foi encontrada no Contestado (1912-1916) – marca sua presença naquelas localidades. (KOPP, 2014, p. 81).

Pereira, em sua obra, nos apresenta duas fotografias distintas, que, apesar de não terem sua veracidade comprovada, nos mostram dois personagens, sendo esses líderes distintos de diferentes episódios.

Figura 5 – João Maria, profeta do episódio “Os Monges Dos Pinheirinhos, 1902



Fonte: PEREIRA e WAGNER (1981, p. 72).

⁶² O movimento dos Monges Pinheirinhos se deu de forma similar ao movimento dos Mucker, Canudos e Contestado. Alguns estudiosos do movimento não descartam a possibilidade de que integrantes do movimento teriam sido remanescentes dos Mucker, os quais teriam se instalado na Linha Bastos após saírem do morro Ferrabraz em Sapiranga. Nesse sentido, Fachel (1995, p. 59) aponta que "outros Mucker", posteriormente, se aglutinaram em Pinheirinho, na época (1902) dentro do território de Encantado-RS, na época pertencente ao município de Estrela. Para saber mais sobre “Os monges dos Pinheirinhos” consultar as obras: FACHEL, José Fraga. **Monge João Maria: recusa dos excluídos**. Porto Alegre; Florianópolis: Editoras da UFRGS e UFSC, 1995; FERRI, Gino. **Os Monges do Pinheirinho**. Encantado: Grafen, 1975.

Figura 6 – Monge João Maria, o iniciante do movimento dos Monges Barbudos em 1935



Fonte: PEREIRA e WAGNER (1981, p.73).

Segundo Kujawa (2001, p. 83), o mesmo João Maria teria sido líder do movimento do Contestado, ocorrido em Santa Catarina, em 1912. No momento em que refletimos sobre o centenário da Guerra do Contestado, é importante lembrarmos que as repercussões desta guerra e, principalmente, a influência da doutrina do Santo Monge João Maria não se restringe àquele momento histórico, nem tampouco àquele contexto geográfico. A presença da doutrina do Santo Monge está presente em outros movimentos sociais de caráter religioso que ocorreram durante o século XX, tais como o movimento dos Monges do Pinheirinho e o movimento dos Monges Barbudos, bem como ainda nos dias atuais fazem parte do imaginário de várias comunidades caboclas. (KUJAWA, 2012, p. 01)

4.5 André Ferreira França, o Mensageiro do Monge João Maria

O grande líder espiritual do movimento dos *Monges Barbudos* foi André Ferreira França, o seu Deça França. Em 1894, ele era criança quando a sua família migrou para Soledade, estabelecendo-se no Campestre do Lagoão, provavelmente fugindo dos horrores da Revolução Federalista, iniciada em 1893. (KOPP, 2014, p.206).

Esse aspecto também é apresentado por Valdemar Cirilo Verdi, que, assim como Kopp, afirma que Deca não era natural de Soledade, e esse seria oriundo de Cachoeira do Sul e teria chegado na região de Soledade por volta de 1894, estabelecendo-se no local conhecido como Campestre. (VERDI,1987, p. 93).

Segundo Filatow, André Ferreira França, o Deca, era analfabeto e pertencia a uma família de algumas posses, mas teria deixado tudo para se tornar um dos líderes dos Monges Barbudos, aceitando a missão que lhe foi confiada pelo monge andarilho, quando de sua visita ao município. (FILATOW, 2002, p. 56).

Por sua vez, Kopp nos mostra outra visão a qual diz que André Ferreira França era o líder espiritual e curandeiro. Ele tinha dez filhos quando aderiu à “religião” dos monges barbudos, em 1935, com quase 50 anos, após ter batido à porta de sua residência um personagem identificado como sendo o profeta são João Maria. (KOPP,2014, p. 13).

A casa de Deca França era um dos principais pontos de encontro, de orações e o local onde o líder, designado pelo Santo Monge, fazia as pregações e uma espécie de batismo ou ritual para tornar-se um integrante do Movimento dos Monges Barbudos. (KUJAWA, 2012, p. 156).

A residência de André Ferreira França (o Deca), o primeiro líder do grupo, teria se tornado um local de reunião dos adeptos da nova expressão religiosa. Um grande número de pessoas começou a frequentar as reuniões organizadas por ele. (FILATOW, 2012, p.124).

Segundo Motta (S.D), Deca França passou a liderar o movimento e em pouco tempo teria recrutado vários seguidores. Por ser uma região sem jornal e rádio, as informações foram correndo de boca em boca sobre os benzimentos e chás de ervas que Deca receitava a quem buscasse a sua ajuda, muitos seguidores caminhavam de casa em casa convidando os moradores da região para aderirem aos ensinamentos do líder.

Percebemos, assim, que Deca foi um personagem muito importante nesse movimento, pois além de fazer de sua casa ponto de encontro para os seguidores, passou a ser conhecido por todo seu trabalho de cura, e também aos olhos do povo era o próprio mensageiro do Monge João Maria, visto por todos como Santo.

4.6 Anastácio Desidério Fiúza, o Tácio

Anastácio Desidério Fiúza foi o primeiro monge a ser assassinado na Semana Santa de 1938, ele tinha pouco mais de 30 anos. Ele era alfabetizado, agricultor e criador, morava nas Campinas, próximo ao rio Despraiado, sexto distrito de Soledade. Era filho do agricultor Bazileu Desidério Fiúza e neto de Mercedes Fiúza. A mãe e todos os irmãos teriam aderido à religião, com exceção do pai que era afastado da família e possuía uma segunda esposa. (KOPP, 2014, p. 212).

Anastácio Desidério Fiúza teve sua conversão associada à cura de sua esposa, Ana Fiúza – enferma de uma grave doença –, realizada por Deca França. Tácio tornou-se o pregador e o mobilizador da nova crença. (KOPP, 2014, p.13).

Anastácio teria sido uma espécie de pregador do movimento, não possuía poderes, como o monge João Maria, nem conhecimentos curativos, como Deca França, mas percorria as casas, organizava os terços e enfrentou os vizinhos para reunir os barbudos na igreja da Bela Vista. (KOPP, 2014, p. 214).

Motta (S.D) salienta que Deca e Tácio teriam levantado em torno de cinco mil seguidores na região entre 1935 e 1938. O local tinha uma única igreja, localizada em Bela Vista, interior de Soledade, que recebia o nome de Capela Santa Catarina, onde ocorreu o massacre em 1938.

Percebemos que Deca e Tácio se uniram para aumentar o grupo dos monges, mas devido à perseguição que Deca começara a sofrer, Tácio passaria de segundo líder e pregador a líder do grupo. Verdi corrobora essa informação:

Um segundo líder do movimento é Anastácio Desidério Fiúza (conhecido como Tácio). Assume a liderança do grupo religioso frente a perseguição imposta a Deca, obrigando-o a ausentar-se do comando do movimento. Foi Tácio que esteve à frente dos fiéis na Semana Santa, na capela de Santa Catarina, em Bela Vista. No confronto ocorrido, Tácio foi baleado, ferimento que o levou a morte em 15 de abril de 1938. (VERDI, 1987, p.98).

Figura 7 – Tácio Fiuza, aos 25 anos, antes de seguir o movimento



Fonte: PEREIRA e WAGNER (1981, p. 31).

4.7 As duas santas: Santa Catarina e Santa Terezinha

Segundo Filatow (2002, p. 60), a presença das “santas” configura-se em um dado relevante para compreendermos o movimento. Os Barbudos eram devotos das santas. Elas desempenhavam papel de grande importância no seio do movimento, pois não eram apenas imagens, estavam entre eles, eram de carne e osso. Ou seja, Santa Catarina estaria viva na pessoa de Andreza Gonçalves e Santa Teresinha estaria presente na pessoa de Idarsina da Costa. (VERDI, 1987, p. 101-105).

Segundo consta, eram ambas jovens e belas e tinham, em 1935, respectivamente, 18 e 15 anos. Eram veneradas como santas, tendo destaque na vida religiosa dos Barbudos. Elas sofreram perseguições e violências. Ambas foram presas em 1938, recebendo inúmeras humilhações. (FILATOW, 2002, p. 60).

4.7.1 Andreza Gonçalves, a Santa Catarina

Andreza era das poucas moças que sabia ler e escrever. Sempre pronta a ajudar nas coisas da Igreja Católica da comunidade, enfeitava o altar e imagens nas festas de sábado, puxava as orações no culto dominical, ensinava o catecismo aos pequenos, entoava cantos sacros nas cerimônias religiosas. Era, como diríamos

hoje, uma líder, uma catequista dedicada. Gozava da estima de todos. (VERDI, 1987, p. 101).

Os seguidores da seita tinham pouca instrução religiosa. Não distinguiam adoração e veneração. Diziam que “adoravam” Santa Catarina sobre todos os Santos. Espalhou-se a notícia de que Santa Catarina não era só uma estátua, mas que estava realmente viva, era de carne e osso, bela como nenhuma criatura. Ela estava viva numa moça dos seguidores. Rápido como os boatos conseguem ser, correu a notícia de que Andreza Gonçalves era a nova Santa Catarina. (VERDI, 1987, p. 101).

Além da santidade de Andreza, outro fato associado a ela logo correu entre os fiéis. Sua beleza. Andreza era uma moça muito bonita naquele tempo. Tinha 21 anos, em 1938. (PEREIRA, 1981, p. 46). O mesmo fato também é salientado por Verdi:

Andreza era uma moça bonita naquele tempo. Era a beleza simples e natural das moças puras da colônia em contato com a natureza. Tinha 18 anos em 1935. Cabelos negros a cair-lhe pelos ombros, olhos escuros e melancólicos, tez levemente morena pelo sol dos trabalhos diários. (VERDI, 1987, p. 101).

Andreza, apesar de toda a notoriedade, seguiu fazendo seu papel de ajudante de seu tio bem como desenvolvendo todas as atividades que lhe cabiam, mas sua fama de carregar a beleza de Santa a acompanhou e ultrapassou mesmo os muros dos seguidores dos Monges. Quando presa no presídio de Soledade, muita gente queria vê-la de perto, pois todos falavam da beleza da Santa Catarina. (VERDI, 1987, p.101).

Em obras mais atuais, a participação de Andreza é apresentada de forma mais esporádica, sendo apenas mencionada como ajudante de Deca e, em algumas passagens, aparece de forma tímida como a representante de Santa Catarina. Kopp (2014) faz um levantamento profundo da família de Andreza, mas sobre a mesma salienta poucos aspectos. Em um trecho, afirma que “Andreza auxiliava no tratamento e na preparação de chás para os fiéis e doentes. Andreza era sobrinha de Deca, essa era filha de sua irmã Delfina Ferreira Gonçalves e de Estácio Gonçalves da Costa.” (KOPP, 2014, p. 214). Por sua vez, Kujawa salienta que Andreza era a representação viva de Santa Catarina. (KUJAWA, 2012, p.01).

Figura 8 – Andreza Gonçalves, a “Santa Catarina” 42 anos depois



Fonte: VERDI (1987, p. 103).

4.7.2 Idarsina da Costa, a Santa Terezinha

Não muito mencionada nas bibliografias encontradas até o momento, Idarsina da Costa também teve papel de importância no movimento.

Segundo Filatow (2002), Idarcina era venerada como santa, tendo destaque na vida religiosa dos Barbudos e passou a ser adorada por todos os seguidores do movimento, pois Santa Teresinha estaria presente na pessoa de Idarsina da Costa. (VERDI, 1987 P. 104).

Entre as moças que se distinguiam pela beleza e vivacidade estava Idarcina da Costa. Tinha 15 anos em 1935. Não sabemos qual a razão fundamental, talvez a pregação de algum missionário, Santa Terezinha tornou-se muito popular naqueles lugares, longe da civilização urbana. Como Santa Catarina tinha sua imagem viva na pessoa de Andreza, Santa Terezinha, igualmente, devia estar representada em outra jovem da seita. A escolhida foi Idarsina da Costa. Daí em diante, ela foi das mais veneradas entre o grupo e das mais perseguidas pelos inimigos. Primeiro pelos comerciantes do lugar, depois pela polícia armada. (VERDI, 1987 p. 105).

Percebemos, então, que apesar de pouco ou não citada nas bibliografias analisadas, Idarcina era vista como Santa pelos fiéis do grupo, fato que também é confirmado por Pereira (1981), que salienta a importância e a participação dela no movimento.

Por outro lado, Kujawa menciona Idarsina, mas não apresenta o fato de ela ser considerada Santa dentro do movimento. Percebemos isso no trecho de sua obra, em que o autor salienta: “[...] Deca assume esta tarefa e passa a ser ajudado por Anastácio Desidério Fiuza (Tássio), por Andreza Gonçalves (considerada a representante de Santa Catarina) e por Idarcina da Costa”. (KUJAWA, 2012, p.156).

Idarcina não teve um final diferente de Andreza (Santa Catarina), ela sofreu perseguições e violências, e foi presa em 1938, recebendo inúmeras humilhações. (FILATOW, 2002).

Figura 9 – Idarsina da Costa, a que foi chamada Santa Terezinha



Fonte: VERDI (1987, p.107).

4.8 Alguns Apontamentos sobre o Conflito: o início do fim

O movimento dos monges foi se alastrando, fazendo novos adeptos todos os dias. Isso acontecia só entre os caboclos, como eram chamados pelos “gringos”.⁶³ Aquelas pessoas simples não tinham dúvida de que o Deca França fora santificado e que o movimento era só para o bem. Levavam doentes para que os abençoasse. Fala-se até em milagres. (VERDI, 1987, p.125).

⁶³ **Gringos:** O Novo Dicionário Nacional define **gringo** como o estrangeiro em geral. No Rio Grande do Sul, entretanto, é usado especialmente para os italianos e seus descendentes. Disponível em: <<http://sualingua.com.br/2009/04/30/gringo/>> Acesso em 14 nov. 2016.

Essa notoriedade que Deca estava alcançando seria um dos motivos do início dos conflitos e Filatow (2012) confirma tal afirmação ao salientar que, reunindo tantos seguidores como estava acontecendo, o movimento despertou a atenção da comunidade local e das autoridades que recorreram ao uso da força militar para reprimi-los. O mesmo autor reforça sua ideia em outro trecho em que diz “um grande número de pessoas começou a frequentar as reuniões organizadas por ele. Esse fato tornou Deca indesejado, atraindo sobre si o desagrado de muitas pessoas da localidade que não aceitavam a crença por ele liderada gerando conflitos”. (FILATOW, 2012, p. 124).

Os comerciantes e proprietários de terras da região começaram a sentir o prejuízo com o fortalecimento do movimento; a safra de fumo, principal cultivo da região na época, começou a entrar em decadência, pois os seguidores geralmente eram os que cultivavam a terra em troca de favores dos proprietários. (MOTTA, S.D, p. 13).

O fumo teria sido indicado pelo monge como prejudicial à saúde (pois muitos dos soledanenses guardavam o fumo no interior de suas residências). (FILATOW, 2012, p. 124).

Essa “política” contra o fumo obviamente não agradou os comerciantes, que reagiram. Segundo Motta (S.D), alarmados com o crescimento do movimento e sentindo o fracasso nos lucros, os proprietários de terras e comerciantes denunciaram os barbudos às autoridades acusando-os de fanáticos e comunistas.

A existência da acusação de serem os Monges Barbudos comunistas⁶⁴ é confirmada na documentação de frei Clemente, então pároco da igreja Nossa Senhora da Soledade, “[...] este ano foi um pouco agitado ainda em relação às autoridades e ao vigário, em relação aos chamados Monges do sexto distrito. [...] Foram acusados de comunistas, mas nada foi descoberto de tudo isso até hoje”. (FILATOW, 2016, p. 5).

Outra acusação declarava que atentariam contra a Igreja e contra a moral. Essas acusações foram negadas por frei Clemente: “Porém, até hoje não foi descoberto que eles faltassem com o respeito às igrejas, às coisas sagradas, aos

⁶⁴ **Comunistas:** Seguidores do comunismo, que é o movimento político da classe operária dentro da sociedade capitalista; Ideia contrária ao capitalismo. SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de Conceitos Históricos.** São Paulo: Contexto, 2005. p. 89.

santos, aos sacerdotes e à moral da família, do lar, e tão pouco desrespeitassem as famílias vizinhas”. (FILATOW, 2016, p. 6).

Outro ponto que Filatow (2016) também nos aponta é o de que a acusação ao grupo de serem comunistas devido a sua forma de vida que contribuiu para a legitimação da repressão policial, sendo esta, segundo o autor, orquestrada pelo estado. (FILATOW, 2016, p. 7).

O modo de vida dos monges, no que diz respeito ao trabalho, não é concordante entre os documentos historiográficos. Alguns declaram que os Monges Barbudos não trabalhavam, pois acreditariam que todas as suas necessidades seriam providas dos céus. Outros apontam que trabalhavam sim, mas produziam somente o suficiente para si e para os membros do grupo. (FILATOW, 2016, p. 125).

Esse modo de vida talvez tivesse relação com a acusação de os mesmos serem comunistas. Ainda sobre acusação, Filatow nos aponta:

A respeito deles, espalhou-se a ideia de que eram comunistas, acredito que talvez isto tenha se gerado primeiro pelo pouco ou nenhum conhecimento sobre o que realmente significava ser comunista, e devido às propagandas anticomunistas divulgadas, e apoiando-se ainda na questão da terra, que seria de todos. Para complementar a ideia de serem comunistas, havia o aspecto da diminuição do trabalho. Atentamos para questão de que o trabalho é o cerne da propaganda do projeto de modernização do país neste período. (FILATOW, 2002, p.57).

O Brasil, em relação ao período dos Monges, vivia uma nova situação política, influenciando todos os aspectos da sociedade. E a questão nacionalista veio ajudar ainda mais a desenhar o conflito.

Enquanto nos sertões os monges barbudos rezavam, em novembro de 1937, Getúlio Vargas impunha o Estado Novo e a repressão do movimento social, em nome das elites nacionais. A partir de então, qualquer reunião pública passou a necessitar de permissão policial. Rapidamente, espalhou-se que os Monges Barbudos eram comunistas. (MAESTRI S.D).

Maestri então nos apresenta todo um contexto referente ao sistema vigente na época, levando como carro-chefe as políticas adotadas no Estado Novo, que repreendiam todo e qualquer movimento contrário ao molde nacional desejado. Por outro lado, aspectos relacionados a crenças e ignorância também nos são revelados, como afirma Valdemar Verdi, em sua obra *Soledade das sesmarias, dos monges barbudos, das pedras preciosas*.

O Fenômeno dos Monges Barbudos de Soledade teve por principal ingrediente altas doses de misticismo, credulidade, ignorância religiosa, afastamento da sociedade e também a vivacidade de alguns líderes que souberam canalizar a ignorância, o descontentamento... de um grupo abandonado ao seu atrasadismo e levá-los rapidamente ao fanatismo, embora pacífico. (VERDI, 1987, p. 91).

Observando o que nos mostra Verdi e outros autores citados, podemos identificar uma dualidade ideológica e de fatores que acabaram por fomentar todo contexto do movimento. Dessa forma, percebemos que a sociedade, assim como o governo, estavam inclinados a acusar o movimento, mas é fato que a situação se agravou de forma definitiva na semana Santa de 1938.

Entre as crenças da religião dos Barbudos, havia a espera da vinda do “salvador” – o qual não se encontra nomeado, mas havia a crença de que João Maria estaria a seu lado - a qual estava marcada para a Semana Santa de 1938, no local conhecido como Bela Vista, então sexto distrito de Soledade, na capela Santa Catarina. Foi este o motivo que atraiu grande multidão para a localidade, a tal ponto de alarmar alguns moradores que chamaram a polícia, acarretando no confronto entre os Monges Barbudos e os soldados da polícia. (FILATOW 2002, p. 57).

Essa ideia também é apresentada por Kujawa (2012), que diz que a situação dos monges mudara devido à informação que João Maria iria aparecer na Igreja de Bela Vista, que tinha como padroeira Santa Catarina. Na Sexta-feira Santa, um grande número de pessoas reuniu-se na referida igreja para rezar e fazer vigília à espera da aparição do Santo Monge.

Os fiéis divulgavam que, juntamente com o retorno do salvador, tudo seria reordenado, ou seja, os que pertenciam e tinham aceitado os ensinamentos da religião tornar-se-iam donos de todas as coisas na Terra e seriam salvos, destino contrário era esperado para os incrédulos. (FILATOW, 2002, p. 124).

O grande número de peregrinos e a aglomeração de gente dentro e nos arredores da igreja, dizendo que iriam ficar ali até o momento da vinda do Santo Monge João Maria, provocou apreensão nas pessoas não adeptas ao movimento, principalmente aos comerciantes locais que se indagavam sobre o que essas pessoas iriam comer, onde iriam dormir e, sentido-se ameaçados, resolveram comunicar às autoridades e solicitar providências. (KUJAWA, 2012, p. 157).

O primeiro cerco ocorreu na Quinta-Feira Santa, em 14 de abril de 1938, no sexto distrito de Soledade. A igrejinha de Santa Catarina, na Bela Vista, foi sitiada.

Neste tiroteio, resultaram vários feridos, dez presos e dois mortos: o agricultor Anastácio Desidério Fiúza e um bebê recém-nascido chamado Francisco Vidal. (KOPP, 2014, p. 82).

O velório de Tácio durou três dias e o mesmo aconteceu em um lugar conhecido como Rincão dos Barnabés. Tal velório provocou mais uma aglomeração, o que resultou em mais uma ofensiva da Brigada Militar que teria provocado mais mortes e a prisão de 104 pessoas. Os presos foram levados para a cidade de Jacuizinho e lá foram interrogados. Após interrogatórios, alguns foram liberados e outros encaminhados para Soledade. (KUJAWA, 2012 p. 158).

Figura 10 – Monges presos ao lado da Brigada Militar



Fonte: PEREIRA e WAGNER (1981, p. 41).

Segundo Motta (S.D), a perseguição aos monges prosseguiu de forma cruel, muitos eram fuzilados, espancados, outros eram tosquiados à força, como é o caso do monge Carneiro, que após o ocorrido se suicidou de vergonha. Em 13 de junho, a jovem Andreza Gonçalves, tida como representação de Santa Terezinha, foi estuprada, em sua residência, por um cabo, que afirmou querer "ver se a santinha" era "virgem". Em 12 de maio, o aspirante da Brigada Militar, Wandenkolk de Freitas Marques, ordenou que tropas disparassem sobre uma pobre residência onde monges reuniam-se desarmados. Ao final do fuzilamento, contaram-se dezesseis mortos.

Segundo Maestri (S.D), Deca França permaneceu escondido nos sertões da região, até que, cansado e acuado, entregou-se às autoridades.

Ao chegar ao destacamento militar, Deca é morto a tiros. Seu corpo foi lançado numa cova, a qual permaneceu vigiada por policiais, pois esses temiam que

os fiéis viessem desenterrá-lo, pois havia a crença de que Deca não morreria e, se isso ocorresse, ressuscitaria. (FILATOW, 2002, p. 124).

Segundo Pereira (1981, p. 51), Deca teve a cabeça cortada antes de ser enterrado, pois as autoridades tinham medo de que o povo fiel fosse lá roubar o corpo ou que o santo ressuscitasse.

Figura 11 – O túmulo de André Ferreira França, o Deca, com a inscrição: “Aqui jaz André F”



Fonte: PEREIRA e WAGNER (1981, p.57).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante as páginas de nosso trabalho, percorremos os corredores da História do Brasil bem como a do Rio Grande do Sul, analisando características do período, a fim de contextualizarmos para uma melhor assimilação do contexto do episódio foco do trabalho: o movimento messiânico dos Monges barbudos.

Em se tratando do período revisado do Brasil – a República Velha e a Era Vargas –, percebemos que em nossa história como república, passamos por acentuadas divisões nas questões políticas, econômicas, entre outras.

A República Velha, podemos concluir que foi caracterizada pelo controle político das Oligarquias, que moldaram caminhos do nosso país até a revolução de 1930, quando Getúlio Vargas assume o poder e dá início à Era Vargas.

A Era Vargas, por sua vez, teve como características a luta contra as oligarquias e a defesa de uma nova política, englobando aspectos mais centralizadores, autoritários e visando uma urbanização através de indústrias.

Em relação ao Rio Grande do Sul, percebemos que a chamada República Velha gaúcha também teve suas próprias características, lideradas pelo governo do Partido Republicano Rio-Grandense, o PRR, e inspirados em ideais positivos de Augusto Comte.

Assim como aconteceu a nível nacional, quando Getúlio Vargas assumiu o poder e lutou contra as Oligarquias, no Rio Grande do Sul, o mesmo lutou contra a velha política e terminou com o positivismo, mudando, dessa forma, a direção política do Estado e, com a implantação do Estado Novo de 1937, percebemos a nacionalização do Brasil e uma política fortemente centralizada nas mãos de Vargas. Essa centralização e a forma de controle adotada moldaram o contexto do episódio messiânico dos Monges Barbudos.

Entraram, também, na nossa revisão, outros movimentos messiânicos ocorridos no Brasil: Os Mucker, Canudos e Contestado.

Ao analisarmos esses três movimentos, assim como o dos Monges Barbudos, notamos algumas características em comum entre eles, tais como graves crises econômicas, desemprego, fortalecimento do poder local por parte de poucos e incompreensão a sua forma de vida. Essas características, aliadas a crenças religiosas e o seguimento a um líder, renderam acusações aos mesmos de fanáticos e de ameaçadores da ordem.

Com o estudo desses movimentos, em especial dos Monges Barbudos, ficou claro que os movimentos messiânicos brasileiros, apesar de não fazerem parte de nossa história como algo homogêneo, estão presentes em determinados momentos de nossa história.

Partindo do fato de que o episódio dos Monges Barbudos, apesar de sua importância, é um movimento pouco conhecido no estado do Rio Grande do Sul, tornou-se imperativo darmos visibilidade a esse acontecimento. Dessa forma, percebemos a importância e a relevância que esse resgate traz para o ensino da história regional, pois assim, além de deixarmos em evidência o Movimento dos Monges Barbudos para a atualidade, deixamos, também, informações para as próximas gerações, possibilitando aos mesmos, além do contato com o próprio episódio, margens para futuros estudos.

Contemplando esse acontecimento, além de privilegiarmos a própria história dos movimentos messiânicos, estamos dando um enfoque especial para estudos referentes à região do ocorrido, bem como contextos gerais do estado e do país, tais como sociedade, política, economia, religião, entre outros.

Ao serem acusados de comunistas, ficou clara a influência do contexto político nacional sobre a sua história. Ao serem acusados de inimigos, foram perseguidos, isolados pela sociedade e proibidos de manter sua cultura. Ao assumirem uma religião independente, foram apontados por não se enquadrarem ao modelo religioso oficial do Estado Novo, lembrando que o modelo de brasileiro para época era o católico e opositor ao comunismo.

Podemos perceber, com a nossa revisão acerca dos Barbudos, que eles formaram um grupo de resistência a um contexto que não mais compreendiam devido a toda mudança que ocorria no Brasil no período, o que fez com que os personagens buscassem na religião uma identidade, uma unificação e um melhor entendimento acerca das mudanças, mas no final foram duramente perseguidos.

Dessa forma, ficou evidente que os movimentos apresentados durante a monografia, bem como o dos Monges Barbudos, não receberam nenhuma forma de apoio e, ao contrário, foram violentamente reprimidos.

Dado tudo isso, salta aos olhos a necessidade de, ao estudarmos movimentos messiânicos, não isolarmos religião e política. Se assim o fizéssemos, não compreenderíamos que tais movimentos foram perseguidos não apenas por

questões religiosas, mas também por representarem uma ameaça tanto social quanto política.

Para finalizar, salientamos que, a partir dos estudos sobre as motivações, contextos, desfechos, entre outros dos movimentos abordados, sentimos a obrigatoriedade de mudarmos a visão “preconceituosa” que ainda existe acerca desses movimentos sociais. Devemos passar a encará-los como parte de nossa história, pois deixá-los às margens das discussões é concordar com a visão de que tais movimentos são frutos da ignorância, do fanatismo, da ingenuidade e de uma histeria coletiva de um grupo incapaz de se enquadrar em um determinado contexto ou de possuir uma cultura própria.

REFERÊNCIAS

ABREU, Luciano Aronne. **Um olhar regional sobre o Estado Novo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

AUGÉ, Marc. **A Construção do Mundo**: religião, representações, ideologia. Lisboa: Edições 70, 1974.

AMADO, Janaína. **A Revolta dos Mucker**. São Leopoldo: Unisinos, 2002.

AMADOR, M. C. P. **Guerra do Contestado**: marca o fim e o início de modelos de desenvolvimento na região Oeste catarinense. Cadernos do CEOM (UNOESC), v.31, p. 499-507, 2010.

BRAGA, Udineia. **Canudos**: Uma guerra, muitas mulheres. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, jul. 2011.

CALASANS José. **Canudos**: origem e desenvolvimento de um arraial messiânico. Anais do VII Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História, Bahia, 2-8 set. 1973.

_____.As Mulheres de “Os Sertões”. **Coleção José Calasans**. Centro de Estudos Baianos, 2001.

CAPELATO, Maria Helena. O Estado Novo: O que trouxe de novo? In: **O tempo do nacional-estadismo**: do início da década de 190 ao apogeu do Estado Novo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DANTAS, S. de Souza. **Aspectos e Contrastes**: ligeiro estudo sobre o sertão da Bahia. Rio de Janeiro: Tip. Ver. dos Tribunais, 1922.

DICKIE, Maria Amélia Schmidt. **Afetos e Circunstâncias**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo: 1996.

DOMINGUES, Moacyr. **A Nova Face dos Muckers**. São Leopoldo: Rotermond, 1977.

FACHEL, José Fraga. **Monge João Maria**: recusa dos excluídos. Porto Alegre; Florianópolis: Editoras da UFRGS e UFSC, 1995.

_____. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp, 1999.

FAUSTO, Bóris. **História Concisa do Brasil**. São Paulo: Edusp, 2010.

FERNANDES, Dóris Rejane. **Sapiranga**: 50 anos de município, mais de 200 de história. Porto Alegre: Alcance, 2005. v. 1000. 224p.

FERRI, Gino. **Os Monges de Pinheirinho**. Encantado: Editora Gráfica Encantado, 1975.

FILATOW, Fabian. **Do Sagrado à Heresia: o caso dos monges barbudos (1935-1938)**. 2002. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

_____. **O Movimento Religioso dos Monges Barbudos e suas Fontes (2016)**. Disponível em: <http://www.eeh2016.anpuh-rs.org.br/resources/anais/46/1468713196_ARQUIVO_FabianFilatow-ArtigoCompleto-ANPUH-RS2016.pdf> Acesso em 10 set. 2016.

_____. **Religião e Política: o caso dos Monges Barbudos (Rio Grande do Sul, 1935-1938)**. Métis: história & cultura, Caxias do Sul, v. 2, n. 2, p. 53-74, jul.-dez. 2012.

GEVEHR, Daniel Luciano. **Os Lugares de Memória dos Mucker e a Construção da Imagem de sua Líder Jacobina Menta Maurer**. In: III Encontro Nacional de Estudos da Imagem - III ENEIMAGEM, 2011, Londrina. Anais do III Encontro Nacional de Estudos da Imagem. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2011, v. 3, p. 758-772.

_____. **Pelos Caminhos de Jacobina: memórias e sentimentos (res) significados**. Tese de Doutorado (Doutorado em História). Programa de Pós-graduação em História, Centro de Ciências Humanas, Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo, 2007.

GERTZ, René. O Rio Grande do Sul de 1937 a 1964: historiografia. In: GRIJÓ, Luiz Alberto *et al.* (Orgs). **Capítulos de história do Rio Grande do Grande do Sul**. Porto Alegre: UFRGS, 2004, p. 359.

GRINGOS. Disponível em: <<http://sualingua.com.br/2009/04/30/gringo/>> Acesso em: 14 nov. 2016.

HERMANN, Jacqueline. História das religiões e religiosidades. In: CARDOSO, Ciro F.; VAINFAS, Ronaldo (orgs). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p.329-354.

KOPP, Maria da Glória Lopes. **A Chave do Céu e a Porta do Inferno: os monges barbudos de Soledade e Sobradinho**. PUCRS, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <<http://meriva.pucrs.br/dspace/handle/10923/6697>>. Acesso em 09 set. 2016.

KUJAWA, Henrique. **Cultura e Religiosidade Cabocla: Movimento dos Monges Barbudos no Rio Grande do Sul-1938**. Passo Fundo: UPF, 2001.

KUJAWA, H. A.; TORRESLONDOÑO, F.; RAMOS, F. R. L.; DIEL, P. F. **A Igreja Católica e o Movimento dos Monges Barbudos**. Cadernos do CEOM (UNOESC), Chapecó - Santa Catarina, v. 13, p. 79-98, 2012.

KUNZ, Marinês Andrea; WEBER, R.; WEBER, R. O Movimento Mucker e suas Relações com a Igreja Católica e a Protestante. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, v. 4, p. 136-150, 2012.

LACERDA, R.; RIBEIRO, Renato Janine; GALVÃO, Walnice Nogueira; VENTURA, Roberto; FERREIRA, Jerusa Pires. Sobrevoando Canudos. In: ABDALA JR, Benjamin; ALEXANDRE, Isabel (Org.). **Canudos: palavra de Deus, sonho da terra**. São Paulo: Boitempo Editorial, 1997, p. 21-39.

MACHADO, Paulo Pinheiro. **Lideranças do Contestado: a formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916)**. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

MAESTRI, Mário: **Os Monges Barbudos esperam desculpas** (S.D). Disponível em: <<http://www.correiodadania.com.br/antigo/ed207/geral.htm>>. Acesso em 02 set. 2016.

MAPA atual mostrando onde ocorreu o movimento Mucker. Disponível em: <https://www.google.com.br/search?espv=2&biw=1366&bih=662&tbm=isch&sa=1&q=MAPA+SASAPIRAN&oq=MAPA+SAPIRANGA&gs_l=img.3..0l2j0i8i30k1l4j0i24k1.16214.17694.0.17843.11.10.0.0.0.0.275.1158.0j4j2.6.0....0...1c.1.64.img..5.6.1151...0i30k1.VAZpcLPPQ9A#imgrc=MBfMB6VJGaJQjM%3A> Acesso em 16 nov. 2016.

MAPA com a localização do conflito de Canudos. Disponível em: <<http://cardapiopedagogico.blogspot.com.br/2013/05/roda-de-leitura-e-conversa-guerra-de.html>> Acesso em 09 nov. 2016.

MAPA com a localização da área contestada e região da guerra. Disponível em: <<http://www.estudopratico.com.br/guerra-do-contestado-causas-consequencias-e-imagens/>>. Acesso em 10 nov. 2016.

MARTINI, Maria Luiza. Tatu, Caboclo, Gaúcho a Pé. In: **História Geral do Rio Grande do Sul**, v.2, Império. Passo Fundo: Méritos, 2006, pp. 155-185.

MENDONÇA, Sônia Regina de. Estado e Sociedade: a consolidação da república oligárquica. In: LINHARES, Maria Yedda (Org.). **História Geral do Brasil**. 9.ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 1990. p. 322.

MODUS Vivendi. Disponível em: <<http://www.dicionariodelatim.com.br/modus-vivendi/>> Acesso em 13 nov. 2016.

MONTEIRO, Douglas Teixeira. Um confronto entre Juazeiro, Canudos e Contestado. In: **História Geral da Civilização Brasileira**. Rio de Janeiro. (S.D).

MOTTA, Valdemar. **Vítimas do Movimento Monges Barbudos: história de amor, fé, perseguição e morte** (Soledade RS, 1938) (S.D). Disponível em: <<http://vmmsm.blogspot.com.br/2016/02/vitimas-do-movimento-monges-barbudos.html>>. Acesso em 23 set. 2016.

NEGRÃO, Lísia Nogueira. Revisitando o messianismo no Brasil e profetizando seu futuro. **Rev. bras. Ci. Soc. [online]**. 2001, v.16, n.46, pp.119-129. ISSN 1806-9053.

NETO, Manoel. **A História de Canudos**. Disponível em: <<http://www.portfolium.com.br/sites/canudos.asp?IDPublicacao=77>>. Acesso em 10 set. 2016.

PEREIRA, André; WAGNER, Carlos Alberto. **Monges Barbudos e o Massacre do Fundão**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1981.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **A Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul: a trajetória do parlamento gaúcho**. Porto Alegre: Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, 1992.

PETRY, Andrea Helena. “**É o Brasil gigante, liberto do estrangeiro, uno coeso e forte, o Brasil do brasileiro!**”: campanha de nacionalização efetivada no Estado Novo. 2003. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2003.

PRIORE, M. L. M. **Religião e Religiosidades no Brasil Colonial**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994.

QUEIROZ, Maurício Vinhas de. **Messianismo e Conflito Social**. São Paulo: Ática, 1981.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. **O Messianismo no Brasil e no Mundo**. São Paulo: EUSP, 1965.

REVOLUÇÃO Federalista. Disponível em: <<http://rasacunhoacademico.blogspot.com.br/2011/05/federalismo.html>>. Acesso em 09 nov. 2016.

SILVA, Kalina Vanderlei, SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de Conceitos Históricos**. São Paulo: Contexto, 2005.

TREVISAN, Leonardo. **A República Velha**. São Paulo: Global, 1982.

VAINFAS, Ronaldo. História das Mentalidades e História Cultural. In: CARDOSO, Ciro F.; VAINFAS, Ronaldo (orgs). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p.127.

VERDI, Valdemar Cirilo. **Soledade das Sesmarias, dos Monges Barbudos, das Pedras Preciosas**. Não-Me-Toque, RS: Gesa, 1987.